

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## MONUMENTOS ARQUEOLÓGICOS DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.

CARDOSO, Mário

Ano: 1951 | Número: 61

---

### Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento.  
*Revista de Guimarães*, 61 (1-2) Jan.-Jun. 1951, p. 5-80.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento

POR MÁRIO CARDOZO

(Cont. do vol. LX, n.º 3-4, pág. 486)

---

## XII

### «Forno dos Mouros» e «Lage dos Sinais», no Monte da Saia

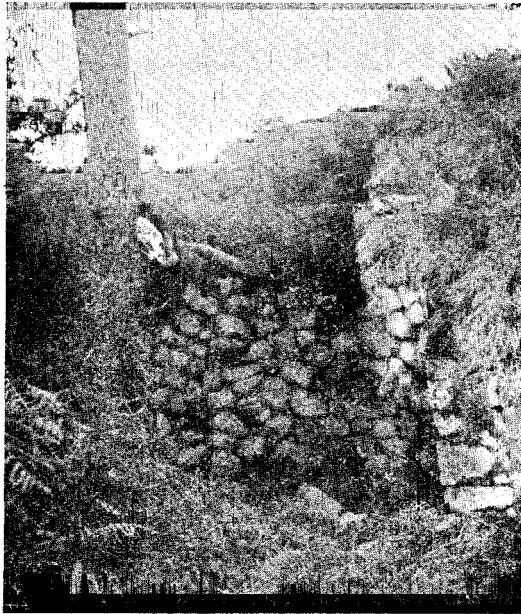
(Freguesia das Carvalhas — Barcelos)

Em Novembro de 1876 e Janeiro de 77, um jornalzinho de Ponte do Lima, intitulado «Comércio do Lima», inseria uma notícia, subscrita pelas iniciais J. T., sobre várias antiguidades existentes no Monte denominado da Saia, situado na freguesia das Carvalhas do Concelho de Barcelos. A essas antiguidades já o mesmo articulista (João Torres) se havia referido resumidamente, em 1872, no «Comércio do Porto» (1).

---

(1) Teotónio da Fonseca, n-*O Concelho de Barcelos de Aquém e Além-Cávado*, Barcelos 1948, vol. II, p. 108, diz que esta mesma notícia foi também publicada no semanário de Barcelos, *Aurora do Cávado* (n.º 492).

De entre aquelas velharias locais, destacava-se a constituída pelos restos de um edifício em ruínas, a que o povo chamava o «Forno dos Mouros» (*Fig. 36*), localizado na encosta poente do Monte da Saia, que se destaca à esquerda da estrada Fama-



*Fig. 36— O interior do «Forno dos Mouros» (Monte da Saia, Barcelos), no estado em que se encontrava em 1930.*

(Fot. do autor)

licão-Barcelos e é rodeado pelas aldeias das Carvalhas, Chorente, Chavão, Grimancelos, S. Pedro e Silveiros.

Tais notícias despertaram a curiosidade de Martins Sarmento, sempre vigilante e interessado quando se tratava de achados arqueológicos, o qual, após um reconhecimento que logo efectuou àquele monte,

em 1878, registava nos seus Cadernos manuscritos (1) as seguintes curiosas notas:

«*Ruínas da Saia.* — Perdi os apontamentos que trouxe das ruínas da Saia. Vou dizer o pouco que me lembra. É coisa digna de nota que as pessoas a quem perguntámos pelas ruínas, na falda do monte (lado nascente) pareciam ignorar a sua existência. Demos com elas à custa das nossas pesquisas. Ficam no monte por cima de Farelães. Apesar do que dizia o João Torres, é duvidoso se estas ruínas tiveram jamais o nome de Citânia (2). Parece que não. O Veloso,

(1) *Caderno* n.º 39, p. 69 e ss., no Arquivo de Reservados da Sociedade Martins Sarmiento.

(2) Em 1930, numa visita que realizámos ao Monte da Saia, à qual adiante aludiremos mais pormenorizadamente, perguntando ao guia que nos acompanhou qual o nome que o povo dava àquele alto, respondeu-nos sem hesitação que lhe chamavam «*Cidade da Citânia*», designação que coincide com informação idêntica prestada a Martins Sarmiento (vide p. 13) e com a que vem indicada nas *Memórias parochiaes de 1758* (vide Extractos arqueológicos dessas *Memórias*, por Pedro A. de Azevedo, in *O Arch. Português*, vol. VII, 1902, p. 240, n.º 464).

Um dos problemas relativos à Citânia de Briteiros que mais preocupou o espírito de Martins Sarmiento foi o da etimologia daquela designação — *Citânia*. Em face do limitado número de ruínas a que o povo dava este nome e de que Sarmiento tinha conhecimento (*Citânias* de Briteiros, do Monte da Saia, de Sanfins, de Baião...), o Arqueólogo hesitava se deveria considerá-lo um nome próprio, ou um nome comum (vide *Correspondência Hübner-Sarmiento*, cit., p. 44 e 51).

Esta questão foi posta inicialmente por Sarmiento na Conferência Arqueológica que teve lugar na sua Casa de Guimarães, em 1877, e à qual concorreram diversos estudiosos portugueses, por ocasião da visita que realizaram à Citânia de Briteiros, para observarem as famosas escavações ali praticadas. Mas o problema ficou sem solução satisfatória. Posteriormente, muitos investigadores e filólogos notáveis discutiram o interessante assunto (Virchow, Cartailhac, Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Emilio Hübner, Carolina Michaëlis, etc.); mas, pouco depois, caiu no esquecimento. Em 1928, chamámos de novo a atenção dos estudiosos para este tema, num artigo que publicámos na *Revista de Guimarães* (vol. XXXVIII, p. 21) intitulado «*Citânia. Um problema de etimologia*», e mais tarde num outro publicado na *Revista Petrus Nonius* (Lisboa, 1945, vol. V, fasc. 1-2), sob o título «*A origem da palavra Citânia, comentada por Martins Sarmiento, Leite de Vasconcelos e Adolfo Coelho*». O primeiro destes artigos provocou

de Barcelos (1), chama-lhe em algures *Sanoana*. Quanto à Citânia de Paços de Ferreira, escrita Sitânia na carta do Pery (2), o bispo de Uranópolis, em Argote (3), chama-lhe «Cidade», por informações dos vizinhos dela. As ruínas da Saia tinham, ao que parece, um muro de suporte, como Sa-broso, e, de certo, castelo; mas parte deste muro foi saqueado para as obras do caminho de ferro de Nine, que se vê do alto. Vestígios de casas não se encontram; mas estou persuadido de que lá está soterrado um metro de paredes. O que abunda à superfície é telha com rebordo.

Reunamos as minhas observações com as notícias que o Torres («João António»), empregado no Banco de Ponte do Lima, escreveu no «Comércio do Lima», n.º 52 (em 22-11-1876) e 59 (em 10-1-77). No n.º 52 afirma ele que dava às ruínas o nome de Citânia «porque assim o dizem e crêem os moradores daqueles sítios». O Monte da Saia, diz ele, serve de limite às freguesias das Carvalhas, Chorrente, Chavão, Grimancelos, S. Pedro (do Monte) e Silveiros. O túnel de Silveiros foi feito com pedras do Monte da Saia, mas parece que cortada em penedos; ao remover alguns, é que os empreiteiros encontrariam alicerces de casas, dando rebate aos arqueólogos e procuradores de tesouros das vizinhanças. Louva

---

dois interessantes estudos do ilustre filólogo Rodrigo de Sá Nogueira, um dos quais inseriu na Revista *Nação Portuguesa* (Lisboa, 1929, vol. II, p. 90) e o outro na Revista *A Língua Portuguesa* (Lisboa, 1929-30, vol. I, p. 355). Mas apesar do interesse que o assunto despertou de novo, temos, infelizmente, de repetir as palavras que Adolfo Coelho, após uma longa e douta análise do problema no campo histórico-filológico, escreveu há mais de 70 anos, em carta para Sarmento: «Assim pois — *Citânia* fica ainda um enigma».

(1) Dr. Rodrigo Augusto Cerqueira Veloso, escritor e jornalista natural de Ponte da Barca, nascido em 1839 e falecido em Lisboa em 1913. Quando acabou a formatura fixou residência em Barcelos, onde abriu banca de advogado e foi administrador do concelho. Em 1898 foi residir em Lisboa, onde desempenhava o cargo de notário. Em Barcelos era proprietário da imprensa onde se publicava a «Aurora do Cávado». Foi um escritor fecundo, deixando numerosos opúsculos sobre assuntos históricos, biografias, traduções, etc.

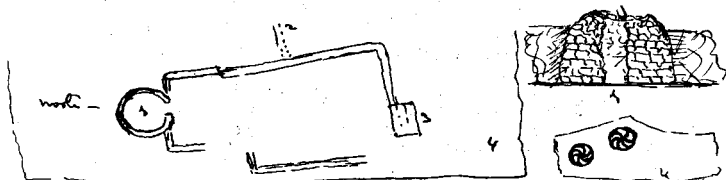
(2) Refere-se à *Carta Geográfica de Portugal*, na escala de 1:500.000, levantada pelos oficiais do Exército A. J. Pery, C. A. da Costa e G. A. Pery, sob a direcção do General F. Folque (1860-65). Realmente indica a Citânia de Sanfins, escrita com S inicial, talvez por lapso ortográfico e não intencionalmente.

(3) Argote, *Memórias do Arcebispado de Braga*, Lisboa, vol. II, (1734), p. 466.

os empreiteiros. Então seriam encontrados dois vasos de barro (no n.º 59 chama-lhe «almotolias»), que param hoje em boas mãos, não dizendo de quem.

O mais alto do Monte chama-se «Alto do Livramento» (n.º 59). Ainda mal descobertas, se divisam muralhas na extensão de 454 passos.

O que mais atenção lhe merece é o «Forno dos Mouros». Eis, pouco mais ou menos, a planta, segundo um esboço que tirei:

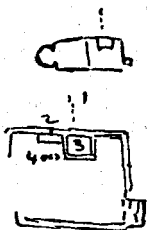


- 1—(Na planta baixa e perfil), o forno
- 2—Sinais de uma mina
- 3—Espécie de degraus
- 4—Sítio onde vi a pedra (4) do desenho

O forno estava, ao que parece, soterrado, e ainda hoje, quando o vi, o estava pelos três lados, menos a frente. A coroa da abóbada também já não existia. Parece que foi destruída pelos «seis homens que durante uma semana» trabalharam para desobstruí-lo (n.º 52 do «Comércio do Lima»). Outras partes da construção (paredes) foram também demolidas, segundo se infere. Afirma que os homens procuravam dinheiro. Eis a descrição do Torres: «Imaginal uma construção de dois metros de alto, de forma de uma ferradura, (*a mim pareceu-me circular, mas não o será*), dos ângulos da qual se prolonga um corredor que se estende em linha oblíqua alargando para a saída, o qual vai dar a um espaço quadrangular (*não me pareceu, mas é possível*), de um canto do qual sobe uma escada de três degraus, que termina num pequeno pátio (*em que não reparei, por estar, decerto, coberto de terra*). Colocai no centro deste quadrado, encostado a uma das faces, o tanque, e tereis uma perfeita ideia da edificação que quero descrever».

Vê-se que havia um tanque, mas não é fácil localizá-lo porque está «no centro do quadrado, e encostado a uma das faces». Vejamos se entendemos: O tanque devia ficar para

o lado da mina. Então a reconstrução, segundo o Torres, deve ser:



Iluminemos a coisa, quanto ao edifício quadrado:

- 1-Mina
- 2-Lugar dos baixos-relevos
- 3-Tanque
- 4-Três pequenas pedras quadradas, em frente dos baixos-relevos

É o que se infere do seguinte, combinado com as notícias anteriores: «...porque, no lugar de onde foram tiradas (as pedras com os baixos-relevos) (1), faziam parte de um tanque, à direita da bica, e tendo em frente três pequenas pedras quadradas que pareciam servir de assento» (n.º 52). «A bica era inteiramente tosca» (ibid.), e a mesma observa-

(1) Refere-se aqui Sarmento a duas pedras esculpturadas que apareceram também nestas ruínas, e se encontram actualmente no Museu da Sociedade (vide Mário Cardozo, *Catálogo do Museu* cit., p. 151 e Est. II, fig. 3), contendo uma delas uma figura togada, abrigada num nicho, e a outra uma figura de sacrificante, também num nicho e segurando a cabeça de um touro. Pertenciam às guardas de um pequeno reservatório de água (*lavacrum?*) que fazia parte do monumento. A primeira notícia destas pedras deu-a, embora muito incorrectamente, o citado articulista do «Comércio do Lima» em 1876. Depois citou-as n' *O Arch. Português* (vol. XII, 1907, p. 280) José Leite de Vasconcelos, e mais tarde nas suas *Religiões da Lusitânia* (vol. III, 1913, p. 510-512); mas em nenhum destes lugares lhes foi atribuído o significado particular que elas têm, nem se lhes fixou o valor especial que representam para a interpretação de outro monumento congénere deste da Saia, que em 1930 foi descoberto na Citânia de Briteiros (vide Mário Cardozo, *A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa*, Guimarães, 1931, sep. da «Rev. de Guimarães», p. 49-51). O Professor Leite de Vasconcelos deu às duas esculturas a designação comum de estelas, classificando-as de ex-votos, porque desconhecia certamente que elas faziam parte das paredes ou guardas de um tanque.

ção aplica ele à construção interior (tanque), dando a entender que a parede que o encerrava era de aparelho vulgar, de pedras quadrangulares de 0<sup>m</sup>,30 por 0<sup>m</sup>,20, iguais e perfeitamente assentes. Fala na água que borbotava a meio da vertente do Monte (a poente, creio), cujo nome apontei, mas perdi, e que ele omite; mas não fala da velha mina. O forte borbotão forma hoje um regato que passa a dois ou três metros a sul-poente da construção. Diz, porém, que a água de tal borbotão ainda passa hoje por *milagrosa* (n.º 52). Os baixos-relevos (*Fig. 37*) são «duas pedras de 11 decímetros de



*Fig. 37*— Pedras esculpidas, procedentes do «Forno dos Mouros» (Monte da Sata — Barcelos).

(Museu de Martins Sarmento)

alto, por 4 de largo, toscamente lavradas e com baixos-relevos, um de 65 centímetros por 30, representando *uma mulher*, e o outro de 50 centímetros por 35, representando *um menino* com a cabeça de um touro ao lado esquerdo. Estão de tal forma carcomidas estas figuras, que mostram claramente terem sido expostas à acção do tempo largos anos, antes de serem sepultadas na aluvião». N. B. — Vê-se a importância deste monumento, que teve seu *pendant* no de Sabroso, há-de tê-lo noutros, e são decerto a origem das famosas «fontes dos Mou-



ros» (1), etc. Outros achados, perto da Saia: «Mais para o sul, numa grande deveza (*há vinte anos; hoje terra lavrada*), ao levantar umas paredes que suportam grande altura de terra, encontraram-se uns restos de casas construídas de tijolos, e, no meio dessas ruínas um forno, duas almotolias de barro (=aos vasos de que falou atrás), grandes e pesadas, e uma fêrrea (2) de fabricar pão». Mais «quatro colunas de granito, de 83 decímetros de alto e 21 de diametro, tendo a base lisa e um capitel de tres cordões, rematando por cimalha acastelada» . . . . «existem ainda hoje (*na casa de um tal Cipriano, freguesia das Carvalhas*), sustentando uma varanda» (n.º 59 do Comércio). «Na Quinta de Farelães, freguesia de S. Pedro do Monte, existe uma sepultura aberta em rocha viva, a qual tem 2<sup>m</sup>,15 de comprimento, 0<sup>m</sup>,71 pelo lado da cabeça e 0<sup>m</sup>,66 para o lado dos pés. O seu fundo é liso, de linhas rectas, e no bordo superior mostra claramente um rebaixe, sinal evidente de que era coberta com tampa de lousa. Não tem, como se vê, cavidade alguma com a configuração de hombros e cabeça, que geralmente se atribui a obras semelhantes do tempo dos romanos» (*ibid.*). Menciona, sem as nomear e definir, outras antiguidades aparecidas por aqueles sitios, que o povo ignorante destruiu.»

Terminam aqui os primeiros apontamentos de Martins Sarmiento sobre as antiguidades do Monte da Saia e vizinhanças. Em Fevereiro de 1881, os seus Cadernos manuscritos (3) registam nova referência aos achados daqueles lugares. Anotou ele:

«O João António Torres, que foi guarda-livros do Banco de Ponte do Lima, promete alcançar-me o baixo-relevo da Saia (4). Há por ali, diz-me ele verbalmente (porque tem estado em Guimarães, empregado no Banco Comercial, sem eu o saber), várias antiguidades, que ficamos de ir ver, quando eu for para Ancora. Perto da casa do cunhado e possuidor do baixo-relevo, que também é senhor do terreno onde ficava o «templo» (*sic*), há uma lage com círculos concêntricos e cõvinhas. A distância, uma sepultura em rocha».

(1) Martins Sarmiento manifestou a opinião de que este monumento da Saia teria sido um santuário consagrado a qualquer divindade local relacionada com o culto das águas (vide Martins Sarmiento, *Relatório da Expedição científica à Serra da Estrela em 1881 — Secção de Arqueologia*. Lisboa, 1883, p. 14; ou *Dispersos* cit., p. 139).

(2) *Férrea, ferra*, ou *ferrelha*, provincianismos designando a pequena pá de ferro com que se tira a massa de farinha, da masseira do pão.

(3) *Cad.* 41, p. 34 (Arq. de Reservados da Sociedade M. S.).

(4) Vide nota 1 de p. 10.

Efectivamente, em 9 de Outubro desse mesmo ano de 1881, Martins Sarmento efectuou uma nova visita ao Monte da Saia, na companhia de João Torres, o articulista do «Comércio de Lima», que deixou assim descrita nos seus apontamentos (1):

«*Monte da Saia* — O João Torres tinha-me convidado a visitar de novo o Monte da Saia. Segundo ele dizia, o cunhado Simeão, mostrar-nos-ia várias curiosidades, tanto da Saia como dos arredores. O amigo Simeão, à nossa chegada, que de certo lhe anunciaram, tinha-se... evaporado. Felizmente, uma irmã dele, D. Ana, foi o nosso cicerone no Monte (o João Torres pouco o conhecia). Fomos parar à casa onde nasceu a família do Simeão (das Carvalhas), e aí apareceu uma tia daquele, da idade de oitenta anos, pouco mais ou menos, que diz ter sempre ouvido chamar às ruínas «Cidade da Citânia» (2). Primeiro fomos ver quatro colunas, aparecidas juntas, num local cujo nome ignoravam, e que mandei saber.»

O Arqueólogo faz em seguida, nestes apontamentos, referência pormenorizada a essas quatro colunas, que, através da sua descrição, mais parece constituiriam talvez aras votivas. E fecha assim a alusão aos quatro pequenos monumentos:

«Tenho esperanças de obter este último capitel, que é já um troço da coluna, e está solto, à porta do seu proprietário (Cipriano, também das Carvalhas, quase vizinho da casa solar do Simeão). Todas as outras três estão em pé, no rocío da casa. Parece que só uma é inteiriça; as outras formadas de duas peças. Como se vê, a sua altura é muito pequena, e a circunstância de terem a superfície do capitel lavrada dá a entender que nenhuma outra pedra assentava em cima.»

E prosseguindo na descrição desta segunda visita às antiguidades do Monte da Saia, continua Sarmento, nos seus cadernos:

«Subimos ao Monte. A meia costa, indo da casa do Simeão para o alto, fica uma grande lage, quase rasa com o

(1) *Caderno manuscrito* n.º 41, p. 127 e ss. (Arq. de Res. da Soc. M. S.).

(2) Vide nota 2 de p. 7.

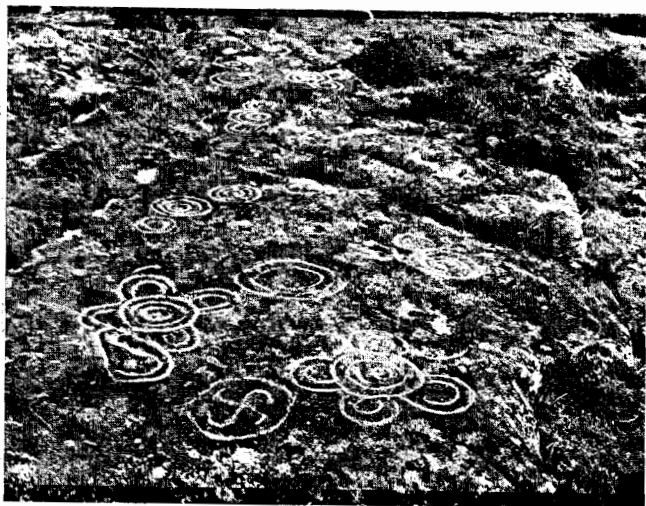


Fig. 38 — A «Lage dos Sinais» (Monte da Saia, Barcelos). Aspecto tirado do lado norte.

(Fot. do autor)

solo e quase literalmente cheia de gravuras (Fig. 38). O forte são círculos concêntricos. Tem também uma *fosslette* grande, de três polegadas de diâmetro, e duas mais pequenas, de duas polegadas, pouco mais ou menos. Uma outra é cercada por um círculo, como as da lage dos dezoito círculos, da Citânia. Tem mais um círculo liso e grosseiro, como os que se acham em Sabroso.

Um grupo de três círculos é :



Um outro :



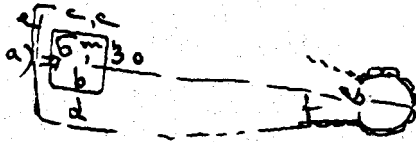
A gravura mais original é esta, com o diâmetro de 0,25 :



Seria um suástica perfeito (1), se as curvas das extremidades da cruz fossem em ângulo francamente recto, e se o

(1) Não resta a menor dúvida de que é um suástica perfeito, de 4 braços, (vide *figs. 38 e 40*), o chamado *tetrásceles*, embora as extremidades desses braços sejam curvas e não for-

braço esquerdo, na linha horizontal, fosse tão bem gravado como os outros. Não é, e pode duvidar-se se esta haste recurvava ou não. No entanto, um pequeno rebaixe desse lado faz acreditar que todos os braços da cruz eram simétricos. A lage tem a posição norte-sul (1). As gravuras são, me parece, à toa. O pseudo suástica é a primeira do topo do norte, a par de um círculo. Parece que não há mais lages com gravuras. Pelo menos, ninguém sabe delas, e eu de balde as procurei. O «Forno dos Mouros» está muito mais destruído do que no tempo em que primeiro o vi. Felizmente, a construção circular ainda existe. Segundo as informações do Torres, que diz tê-lo visto logo depois de descoberto, e as medições que tirei, aqui está o esboço de uma restauração (2):




O eixo de todo o monumento tinha 6<sup>m</sup>,30 de extensão, incluindo a construção circular, com dois metros de diâmetro. A construção era simétrica, segundo diz o Torres. A abertura da casa circular tem 1<sup>m</sup>,35, mas como a entrada está meio destruída e não tem ombreiras, ninguém pode saber qual era a sua largura real. A parede (f) corre obliquamente, e, na parte mais larga, devia ter 2<sup>m</sup>,70. A bica de água era em (a), diz o Torres; a mina que se vê de um dos lados, afirma ter sido aberta pelos procuradores de tesouros. O baixo-relevo ficava em (c, c); em (d) a escada, mas deste lado havia um muro de suporte, e em (e) há ainda vestígios de degraus, que eram muito mais visíveis na minha primeira visita. Entendo pois que a entrada era por aqui. Em (b) havia um tanque que a D. Ana (Ana Joaquina Ferreira de Macedo Faria Gajo;

mem ângulos rectos, nem constituam a chamada «cruz gamada» (nome derivado da forma da letra grega maiúscula Γ, gama), como queria Sarmento.

(1) Numa visita que, no corrente ano de 1950, fizemos ao local, verificámos que o eixo longitudinal da superfície da lage onde se encontram as gravuras tem a direcção N.NO. — S.SE. (Vide *fig. 40*), e não N-S, como *grosso modo* anotou Sarmento.

(2) Este esboço, que Sarmento tirou em 1881, não se ajusta perfeitamente ao que esboçara em 1878, quando da sua primeira visita ao Monte da Saia. (Vide p. 9 e 10).

o irmão Simeão deve ter os mesmos apelidos) diz ser pequeno. A posição da pedra:  não a sabem. A vinte passos acima do monumento fica a «Fonte do Pegarinho». O grande de olho de água que eu, da primeira vez, vi rebentar muito mais acima não é constante, e era água de inverno. A «Fonte de Pegarinho» é notável: a água é *santa*, cura as dores de dentes (experiência da D. Ana e da família) e não faz mal, ainda que suado se beba. Tem três nascentes:



- a) é uma cavidade circular, a «pêgada da jumenta de Nossa Senhora. A D. Ana admirava (sem deixar de acreditar inteiramente) que a Senhora passasse por ali.
- b) é uma cavidade sobre o comprido, da profundidade de quase um palmo, que se diria produzida pelo desgaste da pedra sob a acção repetida de passos de cavalgadas. É ainda sinal de que por ali passou a burra em que montava a Virgem.

Estas duas nascentes nunca secam. A terceira (c) seca algumas vezes. Quer-se mais clara a filiação de uma *fonte santa*? (1) A água corre de nascente a poente; a construção que ela servia tem o eixo de norte a sul, entrando, segundo a informação do Torres, a água pelo topo do sul. O que vi em cima, no alto, não adiantou ao que eu já sabia. Só me mostrou o sítio em que antigamente existiu uma capela da Senhora do Livramento, que tem esta origem: Um homem que vinha do Brasil achou-se em perigo no mar, e prometeu edificar uma capela no monte que primeiro avistasse. Este monte foi o da Saia. Há aqui, sem dúvida, etimologia popular. Do Monte da Saia dificilmente se vê o mar, e o naufrago tinha muitos outros montes que lhe deviam chamar a atenção, antes do da Saia (2). Na vertente do nascente, e quase a tanta distância do cimo do Monte, como da «capela» (*sic*) de Farelães, há um grande penedo chato, no meio do qual está aberta uma sepultura».

(1) Vide nota 1 de p. 12.

(2) Não sabemos se, do mar, o Monte se destacará especialmente de quaisquer outros, de maneira a ser notado com maior facilidade, mas é certo que do alto (ponto trigonométrico de cota 303) se avista uma longa faixa da costa, entre a Póvoa de Varzim e Esposende.

Martins Sarmento passa em seguida a descrever as dimensões e a forma desta sepultura cavada na rocha <sup>(1)</sup>, aludindo também a «umas paredes antigas» em cuja construção entrara tijolo e telha romana, situadas nas proximidades da sepultura, e cujo destino não pôde esclarecer.

Treze anos decorreram após esta segunda visita ao Monte da Saia sem que Martins Sarmento registasse nos seus Apontamentos de Arqueologia qualquer outra referência às antiguidades daquele lugar. Em fins de Janeiro de 1894 volta, porém, a aludir, nos seus manuscritos, ao «Forno dos Mouros», em termos que bem mostram nunca ter deixado de persistir no seu espírito a firme vontade de adquirir esse monumento. Rezam assim essas anotações <sup>(2)</sup>:

«O Forno dos Mouros — Uma irmã do Simeão Gajo, das Carvalhas, que mora na Portela, perto de Vermoim (chama-se Luisa; a D. Ana está casada, perto de Pindela) veio procurar-me, a ver se eu lhe podia empregar o homem, e affiançou-me que falaria brevemente ao irmão sobre a aquisição do «Forno dos Mouros», tendo quase a certeza de que ele anuiria à venda. Diz que a Saia era conhecida por Citânia <sup>(3)</sup>, mas os documentos escrevem *A Ságia (Ságia)* <sup>(4)</sup>, e, sendo assim, Citânia seria um nome comum. Na direcção da mina que trazia a água para o monumento, diz ela que

(1) Sepultura possivelmente já da época cristã. Quando no corrente ano percorremos o Alto do Livramento, deparámos com uma pedra abandonada junto de um muro, que nos pareceu uma estela tumular contendo gravada uma cruz românica.

(2) Vide *Cad. Manuscrito* n.º 44, p. 54 (Arq. de Res. da Soc. M. S.).

(3) Vide nota 2 de p. 7.

(4) No «Onomástico medieval português», por A. A. Cortesão (vide *O Arch. Português*, vol. VIII, 1903, p. 291) registam-se os seguintes nomes: *Asagie*, nome de um monte; *Asagill*, nome de mulher; *Asaia* ou *Asia* (Santa), nome geográfico, todos mencionados nos *Portugaliae Mon. Historica*. Nesta Colecção o topónimo *Asagie* encontra-se num diploma do cartório do Mosteiro de Moreira, do ano 965, alusivo a uma cessão de bens no lugar de *Silbarios* (Silveiros?) nas faldas do monte *Asagie* entre os rios Cávado e Este: «... uila uocitata sisbarios teridorio bragalensis subtem asagie inter cadabo et aliste...» (*Port. Mon. Hist. — Dipl. et Chartae*, Lisboa, 1867, vol. I, p. 57, doc. XC1). Parece pois, referir-se ao Monte da Saia.

devem aparecer pedras curiosas. Muita gente tem ido ali escavar, porque viam de muito longe *cair uma luz sempre naquela sítio*. Uma lenda igual à de S. Torcato» (1).

Desde a primeira visita de Sarmento ao Monte da Saia, em 1878, até à aquisição do «Forno dos Mouros» que, juntamente com a «Lage dos Sinais», teve, por fim, lugar em 1898 sendo por ele promovida a favor da Sociedade Martins Sarmento, ao abrigo da lei de 21-6-1889—decorreram precisamente vinte anos! O que este longo período revela de tenacidade, de persistência por parte do benemérito sábio, de firme vontade de proteger e salvar da ruína os monumentos arqueológicos que pudesse adquirir, documentos vivos da nossa mais antiga história, do nosso remoto passado! Até mesmo por este incansável esforço do investigador vimaranense em defesa desses monumentos, dessas ruínas humildes e singelas, que tantos cuidados e preocupações causaram ao seu culto espírito, elas merecem hoje o nosso respeito e a nossa devoção!

A posse dos dois monumentos da Saia pela Sociedade foi finalmente obtida em 1898, como dissemos, por doação com data de 14 de Junho (vide *Doc. XI*), cerca de um ano antes da morte de Martins Sarmento. Porém, já em 1895 ele havia conseguido que os donos, Simeão Ferreira de Macedo

---

(1) O escritor Dr. Eduardo d'Almeida, no seu interessante estudo sobre «S. Torcato», publicado na *Revista de Guimarães* (vol. XXXIII, 1933, p. 261 e ss., e vol. XXXIV, p. 155 e 248), cita diversos autores que se referem à lenda do descobrimento do corpo intacto do Santo. Gaspar Estaço, nas suas *Várias antiguidades de Portugal* (1625) alude a «uns lumes que de noite apareciam» no lugar onde estava enterrado o Santo; D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Braga, refere-se a «uma luz do ceu»; o P.<sup>e</sup> Torcato Peixoto de Azevedo, nas suas *Memórias resuscitadas da antiga Guimarães*, cita as «luzentes chamas no meio de entrelaçados matos»; Domingos da Soledade Silos, fala de «uns meteoros ou estrelas, que pareciam cair naquela lugar»; etc. Esta lenda da indicação celeste do lugar sagrado onde se encontrava o corpo de um santo é vulgar no nosso agiologio. Tem sua origem certamente na observação do fenómeno atmosférico dos meteoritos que sulcam o espaço deixando, por segundos, um rasto luminoso atrás de si.

Faria Gajo e esposa D. Clementina Simões, da Casa do Hospital, da freguesia de Chorente, os cedessem à Sociedade (1). Em 1894, escreveu um interessante artigo sobre estas antiguidades do Monte da Saia, que publicou na «Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes» (2).

Em 1896, o douto Abade de Tãgilde tomou a seu cargo a incumbência, por certo a instâncias de Martins Sarmento, de acompanhar ao Monte da Saia os engenheiros, e sócios da Sociedade, Inácio de Meneses e Francisco da Silva Monteiro, para estes levantarem as plantas dos dois monumentos que iam constituir propriedade da Instituição vimaranense (3). Parece, porém que tais levantamentos nunca chegaram a ter execução; pelo menos não se encontraram, entre os documentos que fazem parte do espólio literário de Martins Sarmento arquivado na Sociedade, quaisquer desenhos referentes a estes monumentos.

Após o falecimento de Martins Sarmento, em 9 de Agosto de 1899, permaneceram esquecidas por longos anos estas duas propriedades arqueológicas, isoladas no ermo daquele monte, sem que ninguém mais tentasse desvendar os «encantados tesouros» ali escondidos. Em Julho de 1926 a Direcção da Sociedade quebrou esse olvido, ao enviar aos párcos das freguesias onde possuía monumentos arqueológicos a carta-circular a que temos alludido, inquirindo do estado em que estes se encontravam. Pela freguesia das Carvalhas respondeu o Sr. P.<sup>e</sup> José de Araújo Ferreira, que ainda hoje ali continua a ser, felizmente, o digno párcoco. Informou então que o «Forno dos Mouros» e a «Lage dos Sinais» não haviam sofrido quaisquer avarias de maior, e se

---

(1) Vide *Revista de Guimarães*, vol. XIII, 1896, p. 89 e vol. XV, 1898, p. 134.

(2) Martins Sarmento, «Materiais para a Arqueologia da Comarca de Barcelos», in *Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes*, Porto, 1894-95, vol. III, p. 62 e 186. (Vide *Dispersos* cit., p. 160 e ss.).

(3) Vide *Revista de Guimarães*, vol. XIII, 1896, p. 84 e 145.



encontravam aproximadamente no mesmo estado em que sempre conhecera tais monumentos.

No ano de 1930, incitados pela curiosidade que acerca desses monumentos do Concelho de Barcelos nos despertara a leitura dos Manuscritos de Sarmiento, efectuamos uma visita ao Monte da Saia, com o fim de observar especialmente os que à Sociedade pertenciam. Subimos ao Alto do Livramento, que é um vasto planalto, onde indubitavelmente assentou um castro, pois ainda por ali divisamos alguns restos de alicerces das primitivas casas circulares, junto a um moinho de vento abandonado, certamente postas a descoberto durante alguma pesquisa levada a cabo posteriormente aos reconhecimentos efectuados por Martins Sarmiento, que diz não ter encontrado ali vestígios de casas (Vide p. 8). Do lado norte distingue-se perfeitamente, na orla do planalto e numa grande extensão, uma elevação artificial do terreno, que constituía o *vallum* defensivo nessa frente. Parece que esta fortificação nunca teve revestimento de pedra, ou lhe foi arrancada em época distante, pois já nas «Memorias parochiaes de 1758» se lê, com referência a este castro: «Junto a dita ermida está hum pedasso de terra cham cercado de fortes feitos antigamente de terra» (1).

O «Forno dos Mouros» encontrámo-lo quase completamente oculto pelo espesso matagal, e junto aos restos das paredes cresciam pinheiros cujo engrossamento das raízes contribuía para a ruína total do monumento. Mas, apesar do lamentável estado a que o haviam reduzido os pedreiros que naquele monte exploraram a pedra destinada ao túnel de Silveiros, do Caminho de Ferro do Minho, os quais, conforme a narrativa do articulista de «Comércio do Lima», desmoronaram e destruíram barbaramente o que lhes aprouve, ainda pudemos verificar, bem claramente, a flagrante semelhança que esta construção

---

(1) Vide Extractos arqueológicos das *Memorias parochiaes de 1758*, por Pedro A. de Azevedo, in *O Arch. Português*, vol. VII (1902), p. 240, n.º 464.

nos apresenta com o monumento funerário da Citânia de Briteiros (*Fig. 39*), que, nesse mesmo ano de 1930, tinha sido descoberto <sup>(1)</sup>. Por várias vezes, e em diversos estudos nossos sobre a «Pedra Formosa» e o monumento de Briteiros <sup>(2)</sup> temos feito ressaltar estas analogias do traçado geral dos dois edifícios. Se, porém, nos reportarmos aos detalhes do «Forno dos Mouros», hoje infelizmente desaparecidos em parte, mas dos quais nos ficou notícia nos artigos do «Comércio do Lima» e nas preciosas considerações que Sarmento deixou nos seus Cadernos Manuscritos e que atrás reproduzimos, então a identidade deste monumento com o de Briteiros ressalta evidéssima. Lá está a mesma construção subterrânea, o *tholos* circular; a mesma passagem ou corredor, ligando essa câmara redonda a um recinto quadrangular mais vasto; o aparecimento de uma pedra com suásticas gravados, talvez um fragmento da estela que vedaria a entrada do sepulcro; os mesmos degraus de acesso ao recinto quadrangular exterior, onde se encontrava, encostado a uma das paredes laterais um tanque (*lavacrum?*), para o qual corria, por uma bica ou caleira de pedra, a água de uma nascente próxima; das guardas desse tanque faziam parte duas pedras esculpturadas <sup>(3)</sup>, que apresentam na parte superior um desgaste reentrante, em arco, produzido, tal como no monumento da Citânia, pelo afiar de quaisquer instrumentos cortantes, utilizados certamente na prática de sacrifícios do ritual funerário.

---

(1) Conforme já Sarmento o notara também, com relação a outro edifício idêntico que existira em Sabroso, quando nos seus apontamentos escrevia, como transcrevemos a p. 11: «Vê-se a importância deste monumento, que teve o seu *pendant* no de Sabroso», acrescentando, com arguta e quase profética visão do futuro, — «e ha de te-lo noutros»!

(2) Vide Mário Cardozo, *A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa*, cit., p. 48 e ss. Outros trabalhos sobre esta classe de monumentos funerários publicámos, posteriormente a este, em 1935, 1946 e 1949 na *Revista de Guimarães*, e em 1934 na *Brotéria*.

(3) Vide nota 1 de p. 10.

Mercê dos esforços de Martins Sarmento essas pedras esculpidas do monumento da Saia estão

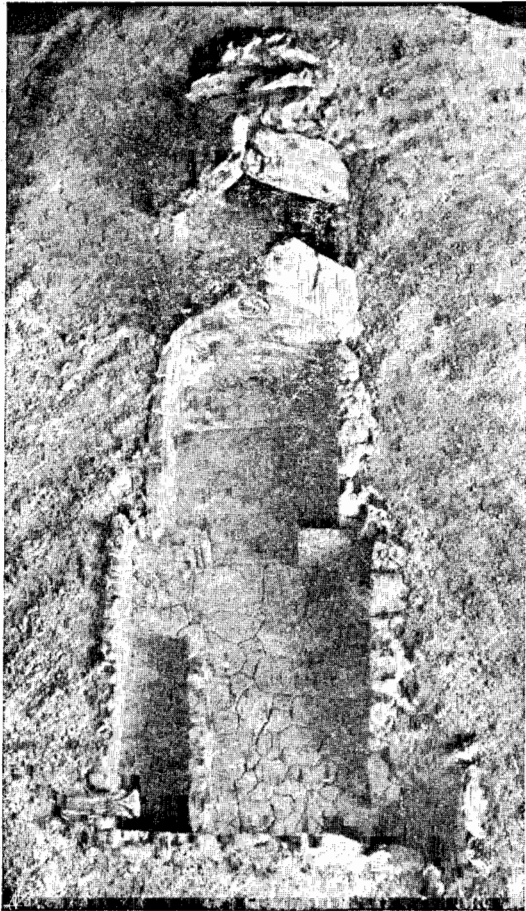


Fig. 39'—Maquette em gesso do monumento funerário da Citânia de Briteiros descoberto em 1930.

(Trabalho do Escultor Raul Xavier, oferecido em 1938 ao Museu de Martins Sarmento).

actualmente no Museu da Sociedade e constituem um inapreciável testemunho para a interpretação da

finalidade do «Forno dos Mouros» e de todas as outras construções do mesmo género que têm sido descobertas desde 1930 até hoje (1).

Também nessa mesma ocasião observámos detidamente a «Lage dos Sinais», situada perto do «Forno dos Mouros», a qual, como este, constitui hoje propriedade da Sociedade. É um grande penedo, soterrado na sua maior parte apresentando uma face rasante com o solo repleta de gravuras, constituídas principalmente por círculos concêntricos, còvinhas (*fossettes*), uma espiral e um suástica de braços curvos (tetráscelo) inscrito numa circunferência (*Figs. 38 e 40*). Entre os círculos concêntricos, há agrupamentos curiosos (*Figs. 41 — n.º 1*), que supomos inéditos na arte rupestre do Noroeste da

---

(1) Vide o nosso estudo já citado, *A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros*, etc., e o inventário geral destes monumentos que publicamos em 1949, na *Revista de Guimarães* (vol. LIX, p. 487), sob o título «Nova estela funerária do tipo da Pedra Formosa». Nesse inventário, que já inclui uma dezena de monumentos do tipo citaniense, faltou-nos ainda indicar um outro, que teria existido na Citânia de Sanfins, para o qual o ilustre explorador destas ruínas, Sr. P.º Eugénio Jalhay, baseado nas referências de Argote (*Memórias*, cit., vol. II, p. 466) chamou a atenção no seu primoroso trabalho sobre a 1.ª Campanha dessas escavações (Vide *Brotéria*, Lisboa 1944, volume XXXIX, fasc. 5, p. 23-24 da separata). Devemos fazer ainda menção de um edifício em ruínas, com um compartimento em abóbada a que Sarmento alude nos seus apontamentos, chamado a *Igreja dos Mouros* (cf. pág. 82), que observou em Santa Maria do Freixo (Marco de Canaveses), e que provavelmente pertenceria também, como ele próprio o suspeitou, à série de monumentos do tipo do *Forno* da Saia (vide *Cad.* 42, p. 51 e 174). Finalmente, em 28 de Fevereiro de 1896, o abade de Tágilde comunicou em sessão da Sociedade Martins Sarmento que, na freguesia de Lamoso, em Paços de Ferreira, havia examinado os restos de um monumento que supunha «destinado a depósito de cinzas provenientes da cremação de cadáveres», e que próximo do lugar de Condominhos da mesma freguesia existia um dólmen ali conhecido pelo nome de «Forno dos Mouros», que havia explorado, recolhendo um machado de pedra e uma faca de sílex (vide *Revista de Guimarães*, vol XIII, p. 85). A primeira parte desta notícia deixa supor a possibilidade da existência de mais um monumento da mesma espécie dos da Saia e Citânia de Briteiros.

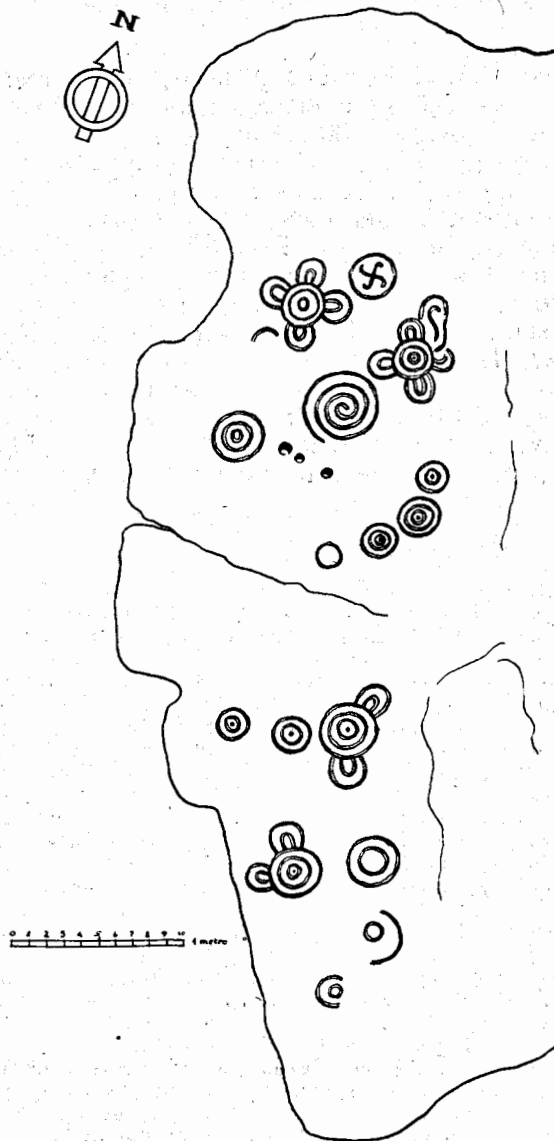


Fig. 40 – Gravuras contidas na Lage dos Sinais (Monte da Saia – Barcelos).

(Desenho do autor)

Península, e nos fazem lembrar certos petróglifos de monumentos megalíticos irlandeses (*Fig. 42*) e bretões <sup>(1)</sup>, facto que nada tem de inusitado, dadas as relações culturais no período Eneolítico e começos da Idade do Bronze existentes entre esta região da Península e as Ilhas Britânicas, relações que se vão tornando cada vez melhor conhecidas, estudadas e confirmadas <sup>(2)</sup>. Temos, portanto, de considerar estas insculpturas da Saia de uma data muito anterior à da construção do «Forno», que é evidentemente um monumento proto-histórico. O que porém se torna estranhável é o aparecimento do suástica associado a estes petróglifos, anteriores à época dos castros da Idade do Ferro, ao passo que aquele símbolo solar, de carácter acentuadamente funerário e castrejo, parece ter tido a sua maior expansão nestas regiões precisamente nos períodos das culturas céltica e romana. É certo que a origem deste símbolo ariano se perde nos tempos mais

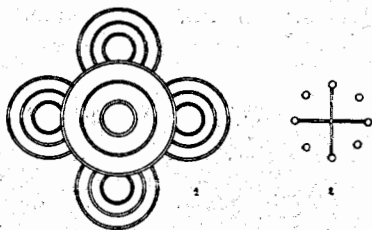


Fig. 41 — Gravuras rupestres do Monte da Saia (Barcelos).

(Des. do autor)

(1) Vide, por exemplo, James Fergusson, *Rude Stone Monuments*, Londres, 1872, p. 217, fig. 75, representando um petróglifo de Lough Crew (Irlanda) semelhante ao da Lage da Saia.

(2) V. Gordon Childe, *Prehistoric Communities of the British Isles*, Londres, 1947, p. 65-67; «Algumas analogias das cerâmicas pré-históricas britânicas com as portuguesas», in *Rev. de Guimarães*, vol. LX, p. 5; Christopher and Jacques Hawkes, *Prehistoric Britain*, Londres, 1949, p. 61, 62; Stuart Piggott, «Relações entre Portugal e as Ilhas Britânicas nos começos da Idade do Bronze», na *Rev. de Guimarães*, vol. LVII, p. 139; H. N. Savory, *A influência do povo «Beaker» no primeiro período da Idade do Bronze na Europa Ocidental*, na «*Rev. de Guimarães*», vol. LX, p. 350 e *The Atlantic Bronze Age in South-west Europe* «*Proceedings of the Prehistoric Society*», 1949, p. 128 e ss.); etc.

remotos (1), sendo até verdadeiramente desconcertante que o vamos encontrar também fazendo parte de gravuras rupestres existentes em pleno sertão do interior africano (2), cujas civilizações e culturas primitivas indígenas não revelam quaisquer influências recebidas dos povos indo-europeus.

A «Lage dos Sinais» do Monte da Saia apresenta na superfície descoberta, onde se encontram as gravuras, as dimensões de cerca de 6,<sup>m</sup>5 de comprimento, na direcção norte-sul, por 5<sup>m</sup> de largo. Quando da nossa visita ali em 1930, descobrimos



Fig. 42 — Uma pedra procedente de New Grange (Irlanda), com gravuras muito semelhantes às do penedo da Saia.

(Segundo G. Childe)

nas encostas do monte e nas proximidades do «Forno dos Mouros» outras insculpturas rupestres, uma das quais bastante curiosa, já perto do Alto do Livramento, constituída por uma cruz de braços rectilíneos equilaterais, terminados em pequenas *fossettes*, contendo mais quatro nos intervalos dos braços (Fig. 41 — n.º 2).

(1) Vide Comte Goblet d'Alviella, *La migration des symboles*, Paris, 1891. Martins Sarmento faz interessantes considerações sobre o *suástica* numa carta para Cândido de Figueiredo, que lhe pedira o significado e origem desta palavra (vide Mário Cardozo, «Sarmento e o termo *suástica*», in *Rev. de Guimarães*, vol. XXXVIII, 1928, p. 5-7).

(2) José Redinha, *As gravuras rupestres do Alto-Zambeze e a primeira tentativa da sua interpretação*, publicação dos Serviços Culturais da Companhia dos Diamantes de Angola, Lisboa, 1948, p. 73.

Em 1933, ocupando a presidência da Direcção da Sociedade, recebemos novas notícias do Sr. P.<sup>e</sup> José de Araújo Ferreira acerca do «Forno dos Mouros» e indicámos-lhe nessa altura os trabalhos que seria útil efectuar para a conservação deste monumento, os quais logo ele se prontificou a dirigir. Foi-lhe então remetido pela Sociedade um ofício, com data de 3 de Janeiro desse ano, cujo texto nos parece interessante transcrever aqui, a simples título de documentação:

«Recebemos a amável comunicação de V. Ex.<sup>a</sup>, relativa ao monumento conhecido pela designação de «*Forno dos Mouros*», que actualmente é propriedade desta Sociedade Martins Sarmento. Penhoradamente lhe agradecemos a solicitude com que nos informou acerca do estado do referido monumento, interesse que bem mostra, da parte de V. Ex.<sup>a</sup> uma cultura invulgar e um respeito hoje tão raro, infelizmente, pelas coisas do passado, intimamente ligadas ao problema importantíssimo das origens do nosso povo.

Pela cópia autêntica que junto envio, verá V. Ex.<sup>a</sup> o teor do documento de posse do monumento desta Sociedade, e nele se indicam as dimensões do terreno circunjacente, que também nos pertence.

Quando em 1930 visitei esse monumento, notei realmente que em volta dele cresciam pinheiros, que poderiam vir a prejudicar as ruínas. Como alguns estão dentro da área que nos pertence, creio bem que o produto da sua venda, que V. Ex.<sup>a</sup> fica autorizado a efectuar, produzirá quantia suficiente para custear qualquer pequena reparação do monumento e, pelo menos, para a cravação de uns marcos de pedra nos 4 ângulos do terreno.

Vedar a edificação, de qualquer forma, seria vantajoso para a sua conservação, mas parece-me que o arame farpado se tornará inútil, porque o cortarão e roubarão, devido a estar num sítio isolado.

A reparação do monumento deverá limitar-se à limpeza do mato e à reposição de quaisquer pedras caídas, no caso de ainda se encontrarem no local, e se vêr claramente que pertenciam ao sítio onde falem. Nada mais. Nunca reconstruções, sempre perigosas, porque em geral atraíam a verdade histórica. Em monumentos desta natureza devemos-nos limitar a *conservar*, e nunca a reconstituir fantasiosamente.

Como V. Ex.<sup>a</sup>, de tão boa vontade, se nos oferece para tratar deste assunto, e o julgamos absolutamente competente para isso, aceitamos, com toda a gratidão, o seu concurso, pois que, ficando o monumento muito distante da nossa sede social, difícil se nos torna velar convenientemente pela sua integridade. Igualmente chamamos a sua esclarecida atenção para a conservação da «Lage dos sinais», a que se refere a cópia junta, penedo com gravuras que fica perto do «Forno dos Mouros».



Seria também grande favor se V. Ex.<sup>a</sup> pudesse lembrar aos seus paroquianos, pelo menos às pessoas rudes do campo, o respeito que todos devemos às ruínas desta natureza, exortando-os a que não cometam o vandalismo de as destruir. E como essa região é muito fértil em antiguidades, que os mesmos paroquianos cedam para os nossos museus quaisquer objectos antigos, tais como lápides com inscrições, etc., que o acaso lhes depare e que, em geral, para o achador, nenhum merecimento têm».

O ilustrado sacerdote mandou então cravar os quatro marcos nos ângulos do terreno pertencente à Sociedade, onde está situado o «Forno», e ainda, em Maio do corrente ano de 1950, novamente, e a instâncias nossas, se deu ao cuidado de mandar colocar outros quatro marcos balizando o terreno circunjacente da «Lage dos Sinais». Deu motivo a esta última diligência o facto de em 11 de Março passado nos ter constado que a Lage havia sido partida a dinamite por um pedreiro. Deslocámo-nos imediatamente ao local, que justamente há vinte anos havíamos percorrido, para verificarmos as avarias que os petróglifos teriam sofrido e promover as medidas de repressão que o caso pedia contra o autor do vandalismo. Felizmente, tinha sido rebate falso; tudo se encontrava no mesmo estado.

Todavia, e como precaução para futuro, resolvemos incluir os dois monumentos da Sala pertencentes à Sociedade na proposta a que já nos referimos, apresentada à Sub-Secção de Escavações, Antiguidades e Numismática da Junta Nacional de Educação (vide pág. 408 do vol. LX), no sentido de estas propriedades arqueológicas da Colectividade Sarmentina passarem a ser consideradas «imóveis de interesse público», e como tal sob a directa protecção do Estado contra quaisquer vandalismos que sobre elas se pretendam praticar (Vide *Doc. I*).

## ADENDA

Além dos monumentos que acabamos de descrever, e que actualmente constituem propriedade da Sociedade Martins Sarmento mercê dos esforços do sábio investigador vimaranense, muitos outros prenderam vivamente a sua atenção e tentou adquirir, não o tendo aliás conseguido (1). Julgamos, todavia, interessante relacionar ainda aqui, como aditamento, alguns, pelo menos, daqueles onde Martins Sarmento praticou explorações mais ou menos frutuosas ou efectuou estudos, e acerca dos quais registou notícias de certa importância e extensão nos seus Cadernos manuscritos. Começaremos pelo conhecido dólmen da Barrosa, perto da Praia de Ancora.

### I

#### Dólmen da Barrosa

(Ancora)

Ainda hoje há quem suponha que o dólmen da Barrosa (*Fig. 43*) foi comprado por Martins Sarmento. Mas os Apontamentos manuscritos de Arqueólogo

---

(1) Vide o que sobre este ponto se disse a p. 412 do vol. LX. Um dos monumentos mais importantes que Sarmento tentou em vão adquirir foi o célebre *Santuário de Panóias* (vide Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, p. 465 e ss.). Em carta de 27-3-94 para o P.<sup>e</sup> Martins Capela, dizia-lhe: «... Eu não posso ir a Panóias mas, se temos ali um amador de antiguidades, que se doi de as ver ir embora, que grandes serviços podia fazer à Sociedade M. S. ! Por ex., talvez não seja difi-

À profundidade de 0,50, e a quase igual distância da entrada, desenterrou-se um fragmento de *celt* de diorite polida:

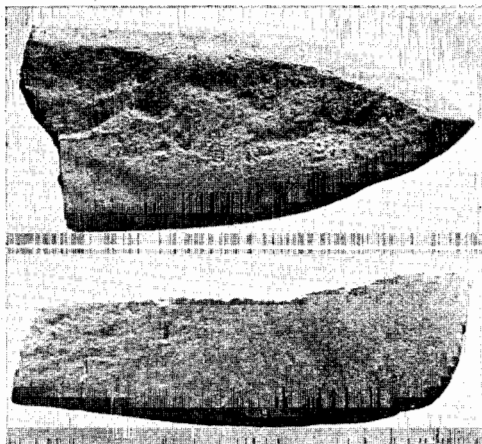


Fig. 44 — Dois aspectos (frente e perfil) do fragmento de um machado de pedra polida, encontrado por Martins Sarmento no dólmen da Barrosa.

( $\frac{1}{2}$  do tam. nat.)

Museu de M. Sarmento

Os lados são chanfrados, e o fragmento, sobre o seu assento menor, figura metade de uma pequena barca sem quilha. A mais de meio da furna, apareceram dois fragmentos de tijolo, à profundidade de 0,80. A vala foi profundada até à terra virgem, que é um barro amarelo-claro, compacto, onde o alvião custa a entrar e onde não há sinal de seixo. A lousa traseira assenta neste solo 1<sup>m</sup>,26 abaixo do pavimento antes da escavação, de sorte que esta pedra tinha: parte enterrada, 1,26; parte emergente, 1,34; vão até o tecto, 0,40; total — 3 metros. Esta exploração desenganou-me logo que o interior do dólmen tinha já sido volvido, revolvido e saqueado (1), e talvez mesmo a terra que hoje o enche tenha vindo de fora. O fragmento de *celt*, os de tijolo, pequenos bagos de carvão,

(1) Numa nota lançada em 7 de Outubro de 1879, a pág. 24 do *Cad. Manuscrito* n.º 40, diz Sarmento ter sido informado de que o dólmen da Barrosa fora escavado havia 12 anos.

pequenos fragmentos de louça grosseira, são talvez já despojos de despojos. As raízes que calabream a terra só podiam entrar ali pela boca da furna. Pareceram-me inteiras, i. é, desenvolvidas espontâneamente, e não quebradas e amalgamadas, como deviam estar se viessem em terra de entulho. A vala que cruzou com a primeira nada produziu. Mostrou só que os suportes também assentavam em terra virgem. Têm eles pois 3 metros de altura. Pedra, appareceu pouca e sempre pequena. Algumas pedras chatas e espalmadas (muito poucas) poderiam ter sido postas de cutelo; mas tudo fora do seu lugar. As valas em cruz foram cheias com a terra dos lados. Nada de novo. Pequenos fragmentos de tijolo e louça, e só de notável a metade de uma conta de pedra negra, em forma alongada. Esta conta, que parece de azeviche, é perfeitamente polida por fora. O furo do interior errou a direcção, de sorte que o furo de um lado e o do outro desencontram-se:



Explorei a entrada, já fora do tecto da mesa, porque algumas indicações havia de uma galeria exterior. Effectivamente, a galeria vai mais longe do que se pensa, e ficou agora à vista na coroa das pedras; mas falta uma planta, que hei de tirar. Quase à boca do dólmen e à profundidade de 0,40 appareceu uma ponta de flecha (?) de sílex (?) lascado (*Fig. 45*). Nenhuma parte é polida; e a arma, ou o que é, mostra que nunca serviu. Entre os fragmentos de tijolo, ou telha (porque nenhum têm rebordo, mas isso não basta), há um com sinal de marca, que mostra ainda o arco, que pode bem ser o do P de algumas das telhas da Citânia. Se se pudesse fazer obra pelos testemunhos em si, este dólmen dáva-nos testemunhos — da pedra lascada, da pedra polida, da época romana (tijolo). De metal, apenas um pequeno fragmento de ferro. De bronze nem sinal, mesmo de terra oxidada, onde ele se desfizesse. Explorei também as costas do dólmen. Encostava à lousa um montão de pedregulho, deitado ali intencionalmente mas provavelmente para pesar mais contra a lousa. Quase à flor da terra appareceram dois fragmentos de tijolo. Logo que possa tirarei a planta exacta da galeria» (1).

No mesmo Caderno manuscrito há ainda mais algumas notas sobre este dólmen: a pág. 6 regista

(1) *Cad. Manuscrito* n.º 40, p. 20-22.

as medições das pedras que o compõem, e a pág. 44 vem desenhado um esboço do mesmo. O pequeno espólio exumado pelo Arqueólogo está depositado no Museu da Sociedade Martins Sarmento (1).

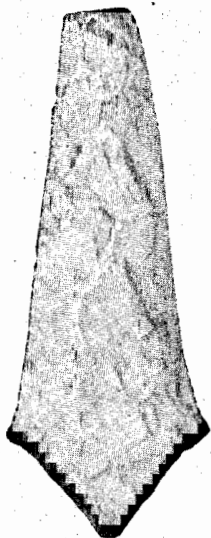


Fig. 45 - Ponta de dardo (?) encontrada no dólmen da Barrosa, durante a escavação de Sarmento.

(Museu de Martins Sarmento).

Ao citar, nos apontamentos que acabamos de transcrever, os restos de cerâmica que encontrou na câmara do dólmen juntamente com os instrumentos líticos recolhidos, alude Martins Sarmento muito vagamente a «pequenos fragmentos de louça grosseira». A verdade é que um desses fragmentos, igualmente no Museu da Sociedade, reveste uma importância especial, pois está ornamentado com a decoração bem típica do «vaso campaniforme», como se vê do desenho junto (Fig. 46), elemento este de incontestável valor para a fixação da cronologia deste monumento megalítico.

Após a breve exploração levada a efeito pelo investigador vimaranense, supomos que ninguém mais ali praticou quaisquer escavações. Quando muito, o monumento apenas atrairia a atenção de um ou outro visitante mais curioso ou culto. Porém, em Setembro de 1948, um jovem bolseiro do Estado, actualmente Director do Instituto de Estudos

Portugueses na Universidade de Santiago de Compostela, deu-se ao cuidado de praticar ali novas pesquisas, sem dar aliás conhecimento superior dessa resolução, nem ter portanto obtido o consentimento

(1) Algumas destas peças do Museu foram reproduzidas no vol. da *Correspondência Hübner-Sarmento* cit. (figura 40, n.º 8, 9; fig. 41, n.º 2).

prévio da respectiva Sub-Secção da Junta Nacional de Educação, certamente porque ignorava que o dólmen é «monumento nacional». A verdade é que esta recente exploração do dólmen, fosse ou não feita com os cuidados que requeria, produziu alguns resultados frutuozos, aparecendo novos instrumentos líticos, entre os quais três pontas de seta, um raspador e uma faca de sílex, que foram entregues ao Museu do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto. Os periódicos deram rebate do achado, e até um deles espalhou levemente a notícia de que o dólmen fora *descoberto* (!) pelo referido estudioso, e que, juntamente com o espólio, havia aparecido uma pedra *com inscrição «ibérica»*, o que aliás não tinha o menor fundamento <sup>(1)</sup>, posto não fosse impossível, nem caso único, um achado dessa natureza, pois já num dos dólmenes de Alvão (Vila Pouca de Aguiar) fora registado o aparecimento de pequenas pedras com inscrições dessa espécie <sup>(2)</sup> (Fig. 47) e, como é sabido, dentro dos túmulos megalíticos encontram-se por vezes espólios de variadas épocas, revelando uma continuidade de utilização em tempos muito posteriores à data da sua construção, embora talvez com um fim diverso daquele para o qual o monumento fora primitivamente erguido. Este facto não passou despercebido a Martins Sarmento, nas

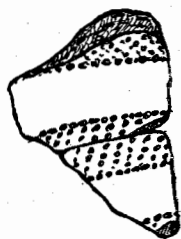


Fig. 46 — *Fragmento de cerâmica com ornamentação típica do vaso campaniforme, encontrado por Martins Sarmento no dólmen da Barrosa.*

(Museu de Martins Sarmento).

(1) Vide *O Comércio do Porto* de 30-IX-1948.

(2) P.<sup>e</sup> José Brenha, «Dolmens ou Antas no Concelho de Vila Pouca de Aguiar» (*Portugalia*, Porto, vol. I, 1899-903, p. 704, figs. 76 e 77; e Ricardo Severo, «Comentário ao espólio dos dolmens no Concelho de Vila Pouca de Aguiar» *Ibidem*, p. 738 e ss.).

considerações que deixou exaradas nos seus manuscritos a propósito do espólio heterogéneo do dólmen da Barrosa (Vide pág. 33).

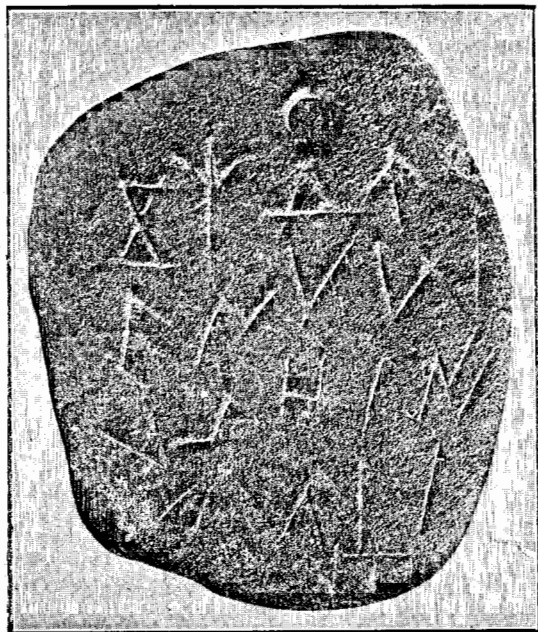


Fig. 47—Pedra (amuleto?) com inscrição em caracteres ditos «ibéricos», encontrada num dos dólmenes de Vila Pouca de Aguiar.

Tam. nat.

(Museu do Inst. de Antropologia da Univ. do Porto)

## II

### Antela da Portelagem

(Vila Chã — Esposende)

Como atrás dissemos, Martins Sarmiento tinha por hábito passar um ou dois meses de verão na Praia de Âncora. Alguns anos foi também à Póvoa de Varzim. Era nesses períodos de férias estivais

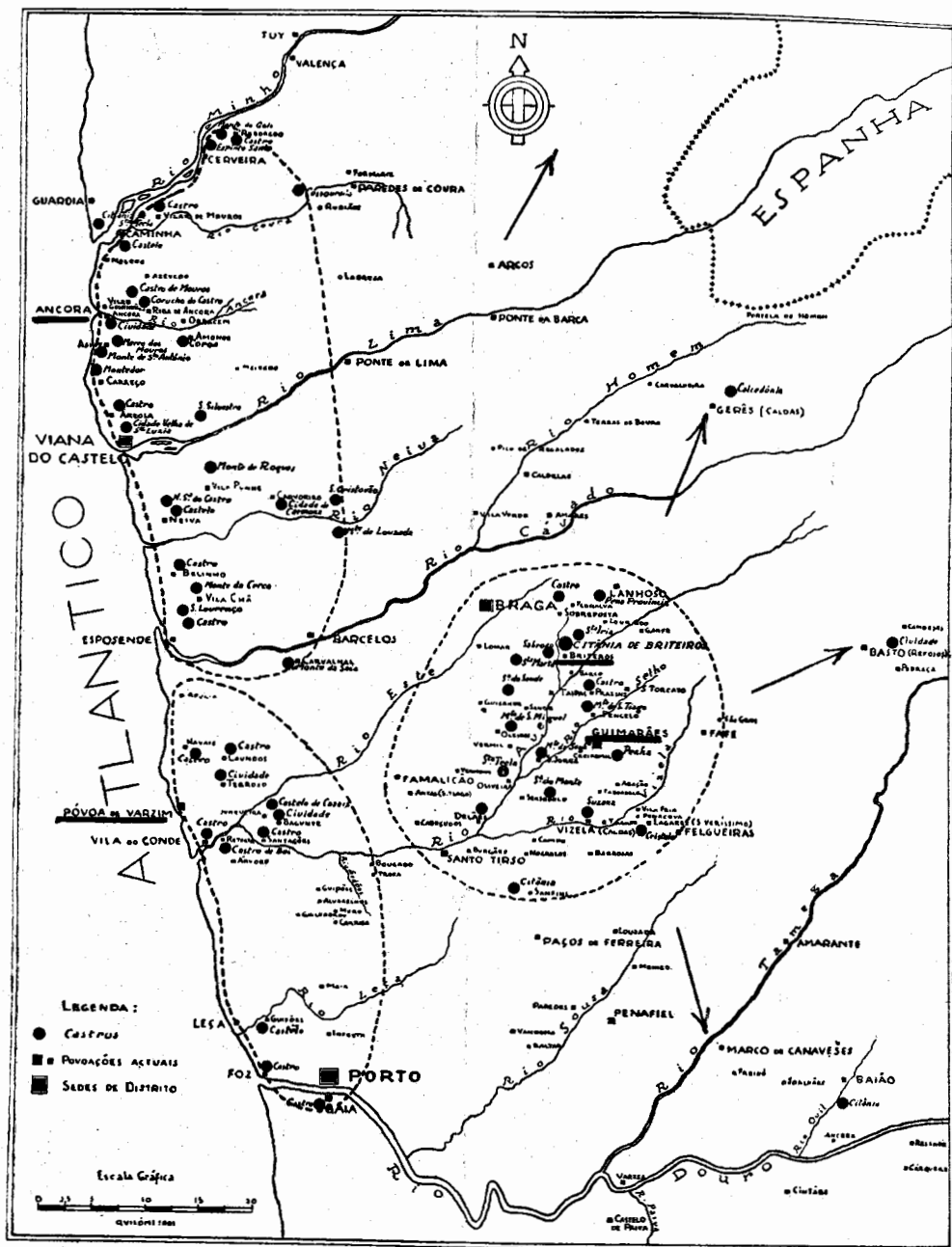


Fig. 48 – Mapa da região entre os rios Minho e Douro, com indicação das zonas exploradas arqueologicamente por Martins Sarmento.

(Des. do autor)



que as suas explorações arqueológicas e reconhecimentos no campo se tornavam mais frequentes e activos.

Podemos, deste modo, definir três áreas de pesquisas que o investigador palmilhou (*Fig. 48*), e cujos centros ou pontos de partida estabeleceu respectivamente em Âncora, Póvoa e Guimarães. Com sede em Âncora, abrangeu, nas suas prospecções e visitas, toda a zona litoral de entre o Minho e Cávado, até Esposende; durante as vilegiaturas na Póvoa de Varzim, percorreu, colhendo informações e notícias, a zona que vai do Cávado ao Douro; no resto do ano, que passava nas suas casas de Guimarães ou de Briteiros, calcorreava toda a zona circundante, não havendo recanto, num raio aproximado de vinte quilómetros a partir de qualquer das suas casas, que ele não tivesse batido, à cata de velharias e monumentos do passado! Excursões a pontos mais distantes por ele visitados, já fora dos limites destas zonas de acção habituais, podemos ainda citar a Expedição científica à Serra da Estrela <sup>(1)</sup>, organizada pela Sociedade de Geografia em 1881, de cuja Secção de Arqueologia ele foi o chefe; uma visita ao Soajo <sup>(2)</sup>; outra à Calcedónia <sup>(3)</sup>, no Gerês; outra a Cabeceiras de Basto <sup>(4)</sup>; e finalmente duas ao Marco de Canaveses <sup>(5)</sup>.

---

(1) Vide *Manuscritos inéditos* de Martins Sarmiento, Cad. 41, p. 83 e ss., e *Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881. Relatório da Secção de Arqueologia*.

(2) Foi realizada em Setembro de 1882, estando Sarmiento em Âncora. Acompanhou-o José Leite de Vasconcelos. (Vide, deste autor, *Uma excursão ao Soajo*, Barcelos, 1882; e de Martins Sarmiento, *Cad. Manuscrito* n.º 42, p. 27 e ss.).

(3) Realizada por Sarmiento em Agosto de 1883, acompanhado do Padre Martins Capela (Vide *Manuscritos* de Sarmiento, Cad. 42, p. 52 e ss.). Em 1944, os Professores Mendes Correia e Carlos Teixeira publicaram na *Rev. Mnia* (Braga, vol. 1.º, p. 212) um estudo sobre esta estação arqueológica intitulado «A lenda e as ruínas de Calcedónia na Serra do Gerez».

(4) Teve lugar em Maio de 1880 (Vide Sarmiento, *Cad. Ms.* n.º 40, p. 79 e ss.).

(5) Em Abril de 1882 e Julho de 1884 (M. Sarmiento, *Cad. Ms.* p.º 42 p. 45 e p. 164).

Em muitas localidades dispunha de informadores amáveis e solícitos que o punham sempre ao corrente de quaisquer antiguidades de que houvessem conhecimento. Alguns desses amigos e amadores da Arqueologia eram pessoas mais ou menos cultas, muitas delas os párocos das respectivas freguesias (1); outros pertenciam à classe humilde, simples gente do povo.

Foi numa dessas estadas em Âncora, que teve ocasião de travar conhecimento com mais um prestimoso informador das antiguidades locais, homem de lavoura e carreteiro na aldeia de Vila Chã, do Concelho de Esposende. Bons serviços ele dispensou a Martins Sarmiento, pois o lavrador tinha «faro» e era diligente na rebusca e localização dos vestígios das velharias daqueles sítios, que sabia interessavam ao Arqueólogo, o qual por sua vez o instigava com gratificações que o mantinham em constante actividade.

Chamava-se este homem o *João Marucho* (talvez corruptela de «marujo»). Encarregou-o Martins Sarmiento certo dia de escavar (ou «afuroar», termo muito apropriado e da simpatia de Sarmiento, nestes casos) (2) em vários dólmenes e mamoaas que o Marucho lhe ia assinalando, nos arredores de Vila Chã, chegando o homem a exumar, do interior de alguns desses megálitos, importantes espólios pré-

---

(1) Numa carta ao P.<sup>e</sup> Martins Capela de 11-1-1894, a propósito das possibilidades de interessar em determinada pesquisa arqueológica o abade de S. João do Campo, escrevia Sarmiento: «... caí sobre o infeliz pároco de S. João do Campo com uma fúria que o havia de surpreender. Se lhe metêssemos no corpo o *virus* da arqueologia!» (*Rev. de Guimarães*, vol. XLIV, 1934, pág. 5). Em carta de Emílio Hübner para Sarmiento também o epigrafista alemão aconselhava este a procurar despertar o interesse pelas coisas da arqueologia entre os curas de aldeia, como meio eficaz de se evitar a perda de muitos monumentos do passado (*Corresp. epistolar Hübner-Sarmiento* cit., p. 64).

(2) Palavra frequentemente empregada pelos caçadores: *afuroar*, lançar o furão para *desentocar* o coelho. Martins Sarmiento foi, na sua mocidade, grande amador das digressões venatórias (Vide *Rev. de Guimarães*, vol. I, 1894, p. 5).

-históricos, constituídos principalmente por machados de pedra, facas e pontas de sílex (1).

Um dos monumentos dessa região de Vila Chã apontados pelo Marucho, que mais vivamente atraiu a atenção de Martins Sarmento, foi uma antela de grandes dimensões (Fig. 49), situada num lugar chamado da Portelagem, a qual o investigador explorou, encontrando um grosseiro mas curioso vaso com protuberâncias mamilares (Fig. 50) e três

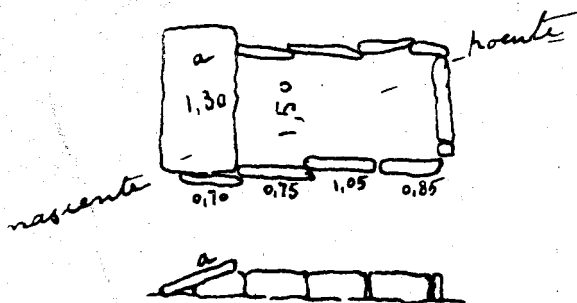


Fig. 49 — Antela da Portelagem (Vila Chã — Esposende).

Nota — A pedra (a) está numa posição oblíqua, e parece ter sido tampa. (Nota e desenho de Martins Sarmento, *Cad. Ms.* n.º 41, pág. 119).

lindas pontas de sílex (Fig. 51) (2). Acerca deste monumento que tanto interesse lhe despertara deixou Martins Sarmento apenas uma breve notícia, num artigo intitulado «Materiais para a Archeologia da Comarca de Barcelos», que publicou na *Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes*, do Porto, em 1894 (3).

Quis Sarmento adquirir, em começos do ano de 1893, esse megálito designado «Mamoínha da Portelagem», também conhecido por «Casa da Moura», e incumbiu o tal João Marucho de negociar a com-

(1) Vide *Mss. inéditos* de Sarmento, *Cad.* 40, p. 98-101; *Cad.* 41, p. 1-2, 7 e 69 (Arq. de Res. da Soc. M. S.).

(2) Vide *Mss. inéditos*, *Cad.* 41, p. 7 e 119, *Cad.* 42, p. 9.

(3) Vide *Dispersos* cit., p. 156.

pra com o dono do terreno, Manuel Alves da Silva, também de Vila Chã. Ficou assente que o homem venderia a antela por 4.000 réis (quantia que naquele tempo representava alguma coisa), entregando antecipadamente Martins Sarmento essa importância ao Marucho, que se comprometeu a acompanhar o

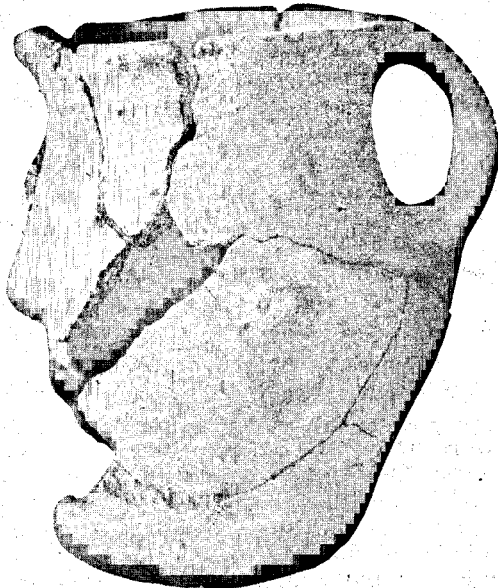


Fig. 50 — Vaso com protuberâncias mamilares encontrado na exploração da mamoa da Portelagem (Vila Chã — Esposende).

(Museu de Martins Sarmento)

Manuel Alves a um notário de Esposende, a fim de ser lavrado o documento de venda. Decorreu bastante tempo, sem que o João Marucho voltasse a dar sinal de si; até que, em princípios de Abril desse ano de 93, e perante a insistência de Sarmento surpreendido com o silêncio do seu «delegado», chegou à mão do Arqueólogo uma carta remetida pelo dono da antela, na qual este começava

a dar mostras de querer esquivar-se à prometida venda do monumento. Dessa curiosa carta, encontrada, com outra correspondência sobre o mesmo assunto, entre os papéis de Martins Sarmento arquivados na Sociedade, não resistimos a transcrever na íntegra a seguinte passagem, cujos erros ortográficos e de redacção mantemos, para o documento não perder o sabor próprio. Diz assim:

«... o tal Marucho lhe deu uma moléstia num filho que tinha; eu fui a caza delle e vio em muita necessidade, e lhe disse Marrucho válete dessa quantia que me ásde dar a ver se vales ao teu filho mas nada valeu que elle sempre morreu ficou sem o filho e gastou quanto tinha e mais do tempo viveu da caridade o Marrucho não tem podido ir falar com V<sup>a</sup> Ex.<sup>sia</sup> porque é um homem de vergonha e não tinha o dinheiro para me dar nem para dar a V<sup>a</sup> Ex.<sup>ma</sup>. Ora maz, espero que V<sup>a</sup> Ex.<sup>ma</sup> tenha cumpaixão do Marrucho que eu tambem a tive e tenho sido commetido para escangalhar a mámoa mas pelo tratado q<sup>e</sup> fiz a mamôa já é de V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> e não deixo volir lá mais ninguem que V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> fica sendo Sñr della de hoje para todo sempre.»

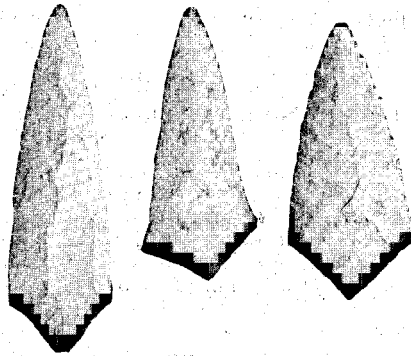


Fig. 51 — Pontas de seta encontradas na Mamoa da Portelagem.

(Museu de Martins Sarmento)

O logro é transparente! O Marucho, a conselho do dono da antela, gastara o dinheiro em proveito próprio, e a compra do monumento ficara por realizar e legalizar. Sarmento reagiu, respondendo à carta do Alves, a dizer-lhe que estava faltando ao prometido, e insistia pelo documento de venda, que ele se comprometera a assinar. Em resposta manhosa, o Alves, em 19 de Abril, alegava ter julgado que Martins Sarmento pretendia apenas um compromisso da parte dele em como conservaria

intacta a mamoa, e não um documento de venda formal. E argumentava deste modo:

«... Dizendo o Marrucho V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que só queria a conservação da mamôa que dezejava que ninguém lá mais voli-se q.<sup>e</sup> pagava alguma couza não sendo muito desarresoavel. Tratamos pela quantia de 4\$000 R.<sup>s</sup>, como V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> sabe pensado eu que vendia a concervação da mamôa, por isso lhe disse a V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que ficava a mamôa de hoje para sempre sendo sua digo, a conservação não pretendia que eu que faltava a palavra que nós não somos déssa familia».

E depois de pedir novamente os 4\$000 réis, que aliás o Marucho gastara, acrescentava:

«Em quanto ao documento com muitas seguranças não faz precizio qualqu.<sup>er</sup> couza basta. Eu passolhe um conhecimento para V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> mostrar sempre a mim ou ao meu representante porque para documento bem aparelhado fica muito caro para que havemos de nós gastar sem necedidade porque eu sei q.<sup>e</sup> não faz preciso nada disso.»

O homem esquivava-se claramente. Martins Sarmiento, para não perder tudo, aceitou dar-lhe os 4.000 réis (pelos quais o Marucho era aliás o responsável) para que ele lhe passasse um documento legal, não de venda da antela, como bem desejaria, mas em como o Alves tomava o compromisso de conservá-la para sempre intacta. E forneceu-lhe, com esse fim, uma minuta, cujo rascunho (também encontrado entre os papéis do espólio de Sarmiento) fora redigido pelo Dr. José Sampaio, ilustre advogado vimaranense e grande amigo do Arqueólogo <sup>(1)</sup>. Mas o Alves, sempre desconfiado, continuava evitando assinar qualquer documento, fosse ele qual fosse.

---

(1) O Dr. José da Cunha Sampaio, irmão do grande historiador Alberto Sampaio. É de sua autoria uma das mais interessantes biografias de Martins Sarmiento (vide o artigo «Os nossos sócios honorários — Francisco Martins de Gouvêa Morais Sarmiento», in *Revista de Guimarães*, vol. I, 1884, p. 35 e ss.).

Em 4 de Agosto, o João Marucho informava Martins Sarmento de que ainda nada havia conseguido do Alves, e dizia-lhe em carta:

«...tenho meinfadado bastante o homem tem me pormeido que se ha de aranzar mas não sei seme ingana nem se não.»

O Marucho desempenhava agora o papel de ingénuo, depois de ter gasto o dinheiro de Sarmento. Afinal o único enganado, neste mau negócio, foi apenas o Arqueólogo.

Em Setembro, numa última carta do proprietário da antela para Sarmento, que então se encontrava a veranear em Âncora, insistia o Manuel Alves na afirmativa de que estava pronto a realizar o contrato da conservação do monumento, e de permitir a Martins Sarmento a continuação das explorações, mas só por um número de anos previamente fixado, 3, 4 ou 6, propunha ele, visto que qualquer compromisso noutras condições, só serviria para lhe desvalorizar o campo onde a antela se encontrava.

Não apareceu entre os manuscritos de Sarmento qualquer outra indicação que nos desse o epílogo deste curioso incidente. Mas sem dúvida que o insigne explorador foi, neste caso, o... explorado, ficando evidentemente sem os 4.000 réis que adeantara ao Marucho, e, por sua vez, a Sociedade privada da posse da Antela da Portelagem. Não conseguimos tão pouco averiguar se este monumento ainda hoje existe, ou se os sucessores do Alves o terão destruído, o que será o mais certo (1).

---

(1) Sobre a conservação deste monumento também o sábio vimaranense não ficou com ilusões. Nesse ano de 93 dizia em carta a Martins Capela: «Em Vila Chã (Esposende) tinha eu ajustado a compra de um terreno onde havia uma mamoa, com a sepultura de pedra quase completa. Ficava exactamente no ângulo de um campo. O lavrador roeu a palavra, porque lhe disseram que o campo ficava arriscado a grandes demandas, e daqui a pouco as pedras da sepultura e mais a mamoa desaparecerão talvez, para acabar com as pretensões dos manfacos». (Vide *Rev. de Guimarães*, vol. XLI, 1931, p. 8).

## III

## Inscrições rupestres de Sanfins

(Paços de Ferreira)

Em 1877 recolheu Martins Sarmento algumas informações que lhe enviaram a propósito da Citânia de Sanfins, em Paços de Ferreira, ruínas que aliás, como as da Citânia de Briteiros, já eram mencionadas por Argote. Nos seus apontamentos de 1878 <sup>(1)</sup> encontramos várias referências àquela estação arqueológica, onde no ano imediato procedeu a um reconhecimento (28 de Abril de 1879), que deixou descrito nos seus cadernos. Pelas notas registadas, conclui-se que, durante essa visita, prendeu especialmente a sua atenção um penedo com inscrições em grandes caracteres latinos, situado no terreno de mato e pinhal da Bouça de Fervenças, pertencente à Casa do mesmo nome. Ao local onde o penedo se encontra chamam o *Lagido*, e também as *Chãs do Reitor*. O terreno é mais ou menos plano, e a uns 600 metros a S.O. fica-lhe a Citânia de Sanfins, no alto do Monte de S. Romão.

Estas obscuras inscrições têm merecido o estudo dos epigrafistas, e à sua interpretação anda hoje ligada uma extensa bibliografia. Aludindo à citação de Argote, deu notícia e interpretação delas Martins Sarmento, no « Boletim da Associação dos Arqueólogos », em 1883; e, depois dele, vários investigadores as transcreveram ou deram novas lições, tais como Hübner, Holder, o Abade de Tãgilde, Leite de Vasconcelos, etc. <sup>(2)</sup>.

---

(1) Vide *Caderno* 39, p. 4.

(2) Contador de Argote, *Memórias do Arcebispado de Braga*, Lisboa, vol. II (1734), p. 466-67.

Martins Sarmento, « Incrições inéditas », in *Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 1883-84, tomo IV, 2.<sup>a</sup> série, p. 58; « Cidade Velha de Monte Córdova », in *O Arch. Português*, Lisboa, vol. I, (1895), p. 145 e *Dispersos*, Coimbra, 1933, p. 423; *Correspondência Hübner-Sarmento*, cit., p. 37, 38, 40, 41 e 157.

Emílio Hübner, *Römische Herrschaft in Westeuropa*, Berlin, 1890, p. 258-59; *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Supl. ao



Não só pelas notas que Sarmento deixou dispersas nos seus apontamentos de 1878 e 79 a propósito destas inscrições rupestres, como pelas alusões que lhes faz numa das cartas a Emilio Hübner <sup>(1)</sup>, e ainda por um artigo que sobre elas publicou em 1895, vê-se que este monumento de Sanfins marcou funda impressão no seu espírito de investigador. Como não se tratava de um monumento transportável, que ele pudesse transferir para Guimarães, tentou talvez adquiri-lo por compra, para garantir a sua protecção local. Não o conseguindo, mandou executar um molde em gesso das inscrições, e proceder à reprodução do penedo que as contém no terreno anexo ao claustro do Museu da Sociedade. Lá figura, ainda hoje, essa cópia do célebre penedo de Sanfins, que tão viva curiosidade despertou ao Arqueólogo vimaranense. Felizmente conservam-se ainda perfeitamente intactas no original essas interessantes inscrições rupestres, que em 28 de Dezembro de 1949 tivemos oportunidade de observar, acompanhando o Prof. de Arqueologia Gordon Childe, da Universidade de Londres, e o Sr. P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay, prestigioso explorador da Citânia de Sanfins, numa visita a essa célebre « Cidade Velha » já citada por Argote <sup>(2)</sup>.

---

vol. II, Berlim, 1892, n.º 5607; *Monumenta Linguae Ibericae*, Berlim, 1893, n.º LIII; *Ephemeris Epigraphica*, Berlim, 1898, vol. VIII, p. 400.

Alfred Holder, *Alt-celtischer Sprachschatz*, Leipzig, 1896, p. 1495.

Abade de Tagilde, « Catálogo do Museu Arqueológico », in *Revista de Guimarães*, vol. XVIII (1901), p. 69.

J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, vol. II, p. 188.

Mário Cardozo, *Catálogo do Museu de Arq. da Soc. M. S.*, cit., Guimarães, 1935, p. 34-35.

<sup>(1)</sup> Vide *Correspondência Hübner-Sarmento*, cit., p. 37, 38 e notas 12 e 13 de p. 40 e 41.

<sup>(2)</sup> A Citânia de Sanfins tem sido ultimamente explorada com magnífico êxito pelos ilustres arqueólogos P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay e Major Afonso do Paço, que já publicaram os Relatórios de 4 campanhas de escavações (Vide *Rev. Brotéria*, Lisboa, vol. XXXIX, 1944, fasc. 5.º, p. 414, e vol. XLVI, 1948, fasc. 6.º, p. 699).

As inscrições são de difícil interpretação (*Fig. 52*). Parece que uma delas, segundo a lição de Leite de Vasconcelos, alude a um lugar de culto, consagrado « aos poderes divinos » (*numinibus?*) de « umas divindades (ninfas?) Fidúeneas » (*Fidúenearum*).



*Fig. 52* — *Inscrições rupestres de Sanfins* — (*Paços de Ferreira*).

(Antigos clichés de M. Sarmento)

A inscrição da face oposta do penedo contém apenas uma palavra e duas iniciais destacadas: *COSVNEAE/ F. S.* (*A Cosunea, cumpriu a promessa.....?*). Supõe-se, portanto, que estas dedicatórias se referiram a quaisquer divindades castrejas locais — as *Fidúeneas* e *Cosunea*. Mas a interpretação deixa lugar a dúvidas.

## IV

**Penedo com insculturas em Lanhelas  
(Caminha)**

Em Julho de 1887, encontrava-se Martins Sarmento em Âncora, a veranejar, como de costume. É dessa ocasião uma nota por ele tomada nos seus apontamentos de Arqueologia, que transcrevemos:

«Graças ao Miguel Novais, que está em Lanhelas, defronte da casa do Camilo de Sá, o filho deste, João, presidente da Câmara de Caminha, propoz a conservação de uma lage, que os montantes começaram a destruir, e cheia de gravuras. Era a ela que aludia o Padre Sanches» (1).

A cópia dessa proposta a que Sarmento alude, do presidente da Câmara de Caminha, foi também encontrada, num manuscrito avulso do espólio científico inédito do Arqueólogo, e reza assim:

«Cópia da resolução que a Câmara tomou acerca da Lage:

Sendo ponderado pelo presidente que, por cartas particulares, teve conhecimento de haver na freguesia de Lanhelas d'este Concelho de Caminha uma lagea em terreno baldio no sitio da Fogaça, logar da Boucinha, junto à Bouça do Covêllo, com uns arabescos, à qual o distinto archeologo o Ex.<sup>mo</sup> Sr. F.<sup>co</sup> Martins Sarmento dá valor para a historia da archeologia, foi resolvido officiar-se à Junta da Parochia da dita freg.<sup>a</sup> para que faça constar aos seus habitantes que fica prohibido o corte da dita lagea, sob pena de procedimento.»

Por esta cópia da deliberação da Câmara de Caminha ficamos inteirados do local onde existem ainda hoje os petróglifos a que Sarmento imprecisamente aludia, no apontamento supra. É de crer que raras pessoas, na ocasião em que Martins Sarmento dirigiu a sua atenção para essas gravuras rupestres, se interessassem por tal monumento pré-histórico, pois só muitos anos volvidos o estudo dos petróglifos do Noroeste hispânico começou a merecer o cuidado dos investigadores.

(1) Vide *Caderno* 43, p. 63.

A estas esquecidas gravuras de Lanhelas aludiram, de passagem, em 1926 o Arqueólogo Sr. P.<sup>e</sup> Jalhay (1), e em 1929, o malogrado Rui de Serpa Pinto (2). Nesse ano de 1929, porém, o Sr. Abel Viana deu uma notícia bastante detalhada, não só do penedo que Sarmento mencionou, o do sítio da Fogaça, da freguesia de Lanhelas, como de outros petróglifos não distantes deste (3). Cita nesse artigo quatro penedos com gravuras, em Lanhelas: a Lage das Fogaças (4); a Lage da Chã das Carvalheiras, a uns 100 metros daquela; o Penedo do Trinco ou Pedra Picadeira, já na extrema da freguesia de Lanhelas, quase na de Vilar de Mouros; e o Penedo da Bouça Velha, na encosta de um outeiro onde se encontra a capela de S. Martinho.

A Lage do sítio da Fogaça, que Sarmento citou, e que por certo não deixaria de tentar adquirir, é, dessas quatro, a mais interessante e a que contém maior quantidade de gravuras — espirais, cruces inscritas em círculos, circunferências concêntricas, etc. Mas é especialmente apreciada nesse penedo a representação esquemática de um animal (*Fig. 53*), que aliás não apresenta as características da sua espécie nitidamente definidas (lobo? cão? cabra?). Por qualquer destas espécies zoológicas é lícito optar. A forma de esquematização da gravura é inteiramente igual à de muitos outros desenhos animalistas contidos em diversos penedos da região galaica (5).

(1) P.<sup>e</sup> Eugénio Jalhay, «Los grabados rupestres del extremo Sudoeste de Galicia», in *Boletín de la Com. Prov. de Monumentos de Orense*, vol. VII, 1926, p. 373.

(2) R. de Serpa Pinto, *Petróglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal*, Corunha 1929, p. 7.

(3) Abel Viana, «As insculpturas de Lanhelas (Caminha — Alto Minho)», in *Rev. Portucale*, Porto, vol. II (1929), p. 282 e 350.

(4) A mesma lage designada na proposta do presidente da Câmara de Caminha que, a instâncias de Sarmento, a mandara proteger de quaisquer danos, situada no lugar da Fogaça, e não Lage das Fogaças.

(5) Sobrino Buhigas, *Corpus Petroglyphorum Gallaeicae*, Compostela 1935, Tab. XI, 23 — XII, 24 — XVIII, 38, 48 — XXV, 51, 52 — XXVI, 54 — XXVII, 55, 56 — XXXII, 64, 65 — XXXVI, 71, 72 — LIX, 120, 121.

Em 1926, a Sociedade Martins Sarmento pediu ao pároco de Lanhelas informação acerca do estado desta lage, o qual respondeu que se encontrava intacta, e que, a uns 100 metros daquela, existia uma outra com idênticos sinais. Devia ser a Lage da Chã das Carvalheiras, posteriormente descrita no citado artigo do Sr. Abel Viana. Acrescentava o pároco que já diversos estudiosos ali tinham ido, tirar fotografias das gravuras desses penedos.



Fig. 53— Gravura zoomorfa de uma lage com petróglifos, no Lugar da Fogaça (Lanhelas, Caminha).

(1/25 do tam. nat.)

(Fot. oferecida pelo Sr. Coronel Júlio Torres)

Em 1948, novamente pedimos informes acerca destes importantes petróglifos ao nosso camarada Sr. Coronel Júlio Torres, de Caminha, a quem ficamos devendo o favor da fotografia, sobre a qual foi feita a gravura que ilustra esta notícia. O penedo continua intacto, felizmente, e parece que, na sua proximidade, habita um fogueteiro que espontaneamente zela pela integridade do monumento, por certo ao notar o interesse manifestado pelas pessoas cultas que ali vão propositadamente examinar e fotografar as gravuras.

## DOCUMENTOS

### DOC. I (\*)

#### Proposta apresentada à 2.<sup>a</sup> Sub-secção da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional de Educação

Há mais de 50 anos, adquiriu a Sociedade Martins Sarmento, por indicação e influência pessoal do sábio Doutor Francisco Martins Sarmento, diversos monumentos arqueológicos, de cuja compra, feita a expensas daquele benemérito Investigador, esta Instituição possui os respectivos diplomas legais. Estão essas propriedades arqueológicas situadas em locais isolados dos Concelhos de Bragança, Guarda, Marco de Canaveses e Barcelos, e pode dizer-se que só *milagrosamente* têm sido poupadas até hoje das avarias que a ignorância popular tão frequentemente costuma praticar em monumentos desta natureza.

Seria, porém, de toda a conveniência que a esses imóveis, apesar de constituírem propriedade particular da Sociedade Martins Sarmento e de se terem conservado, felizmente, no mesmo estado em que se encontravam quando adquiridos, fosse presentemente dada a categoria de «imóveis de interesse público», visto a sua importância arqueológica, ficando deste modo sob a directa protecção do Estado, aliás sem prejuízo dos direitos de propriedade que à referida Sociedade assistem.

Devidamente autorizado pela Direcção da Sociedade Martins Sarmento, proponho portanto que, além do dólmen de Pêra do Moço, situado no Lugar chamado da Anta, no limite da freguesia de Pêra do Moço, a uns 15 quilómetros da Guarda, próximo da

---

(\*) Em todos os documentos reproduzidos foi respeitada a ortografia dos originais.

Quinta da Estalagem, junto e à direita da estrada da Guarda a Pinhel, adquirido pela Sociedade Martins Sarmento em 1892, já indicado para a classificação de «imóvel de interesse público», em reunião desta Sub-Secção de 18 do mês de Março findo, sejam igualmente incluídos na mesma classificação os monumentos seguintes:

- 1) *Mamôa de Donai*, situada numa das extremidades do Lameiro da Devesa, na freguesia de Donai, Concelho de Bragança, e cerca de 300 metros a poente daquela aldeia. Este monumento também é conhecido no local pela designação de *Tumbeirinho*. Foi adquirido pela Sociedade Martins Sarmento em 1891, ano em que ali se procedeu à sua exploração, recolhendo-se alguns machados de pedra e diversos instrumentos de sílex.
- 2) O chamado *Penedo de Cuba*, com as dimensões de 10 metros de comprimento, por 7,<sup>m</sup>10 de largo e 5 metros de altura, tendo na parte inferior uma gruta em forma abobadada, situado na Bouça da Poça do Monte, no Lugar das Coriscadas, freguesia de Soalhães, Concelho do Marco de Canaveses. Foi adquirido pela Sociedade Martins Sarmento, em 1894. Na referida gruta foram praticadas escavações, no tempo de Martins Sarmento, sendo recolhidos fragmentos de ossos humanos fossilizados e alguns instrumentos de sílex.
- 3) Restos de uma construção conhecida pelo nome de *Forno dos Mouros*, possivelmente um monumento funerário proto-histórico do tipo do descoberto na Citânia de Briteiros em 1930, a qual construção fica situada na encosta do lado poente do Monte da Saia, freguesia das Carvalhas, do Concelho de Barcelos. Aquisição da Sociedade Martins Sarmento em 1898.

- 4) Um penedo chamado a *Lage dos Sinais*, com interessantes petróglifos, situado no Lugar das Lages, no referido Monte da Saia, da mesma freguesia das Carvalhas e Concelho de Barcelos, a pequena distância do mencionado *Forno dos Mouros*, e junto do caminho que conduz à freguesia de Chavão. Adquirido pela Sociedade Martins Sarmento em 1898.

Guimarães e Sociedade Martins Sarmento, 5 de Abril de 1950.

O Presidente da Direcção da Soc. M. S. e  
Vogal da Junta Nacional de Educação,

(ass.) Mário Cardozo

Esta proposta foi aprovada em sessão de 15 de Julho de 1950 da 2.<sup>a</sup> Sub-secção da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional de Educação.



## DOC. II

### **Extractos do processo, existente na Câmara Municipal de Guimarães, de aforamento do Monte da Citânia de Briteiros.**

---

*Termo de autoamento.* Em 5-10-1874. Requerimento de Martins Sarmento apresentado à Câmara Municipal para aforamento de terreno baldio no Monte da Citânia, pertencente às freguesias do Salvador de Briteiros e de Donim.

*Petição.* Excellentísimos Senhores: Diz Francisco Martins de Gouvea Moraes Sarmento, desta cidade, que precisando de terreno de matto para os seus predios sitos na freguesia de Sam Salvador de Briteiros, e havendo o monte baldio da Citania, pertencente á mesma freguesia e á de Sam Salvador de Donim, pertende o supplicante aforar uma parte do dito monte, que em dia de vistoria designará, e por isso requer a esta Illustríssima Camara que, mandando informar as Juntas respectivas sobre a natureza do terreno, isto é, se é baldio ou não, se digne ordenar a instauração de processo de aforamento, fixando-se dia de vistoria e procedendo-se ás mais formalidades do estylo; e por isso pede a Vossas Excellencias se dignem deferir. E receberá mercê. Francisco Martins de Gouvea Morais Sarmento.

*Acórdão.* Em 15-10-1874. Às Juntas das duas freguesias para informarem.

*Informação das Juntas.* As Juntas informaram mal. A informação da de Briteiros, em 25-10-1874, é do teor seguinte: «O requerido Monte da Citânia, nas suas faldas e limites, acha-se parte d'elle aforado, outra parte aforado e tapado, e outra parte que só consta de penedos, pedregulhaes e saganho bravo de que se utilizam os proprietarios vizinhos

para trazer seus gados a pastar, e roçar algum saganho para suas culturas e para seu queimar, porque ha aqui muitos proprietarios inclusivamente o passal do Reverendo Parocho, que não tem aonde rocem uma panada de matto ou de saganho, acrece mais muitos pobres miseraveis desta e d'outras freguesias que aqui vão diariamente buscar saganhos para cozer o seu pãozinho, e que faltando-lhe este saganho morrerão á necessidade. E é isto o que temos a informar na verdade e debaixo de juramento aos Santos Evangelhos. (ass.) O Abbade Joaquim Vicente Marques Ribeiro, presidente da Junta; José Maria Antunes; Domingos Fernandes de Macedo.»

A Junta de Donim, à qual presidia José Maria Vieira de Carvalho Machado, pároco da freguesia, sendo vogais Francisco José de Carvalho e Eusébio Fernandes, informou em 28 de Outubro, que aquela freguesia estava «em tudo semelhante à de Briteiros».

*Acórdão da Câmara.* Devolvido o requerimento informado à Câmara, esta despachou, em 5 de Novembro, que se instaurasse o processo e se procedesse à vistoria em 16 do mesmo mês, para a medição e avaliação do terreno maninho das duas freguesias. Os respectivos editais, da mesma data de 5 de Novembro, convidavam todas as pessoas que quisessem opor-se à arrematação a fazê-lo perante a Câmara, ou no acto da vistoria. Foram afixados um na porta da Câmara, outro na porta da Igreja de Briteiros e outro na de Donim, no mesmo dia 5.

*Termo de nomeação de louvados.* Foi feito em Sessão da Câmara de 12-11-74, tendo sido nomeados José Lopes de Carvalho, Álvaro da Costa Rocha e José Eduardo da Costa Mota, o último para desempate. Prestaram o respectivo juramento aos Santos Evangelhos, na Câmara e nesse mesmo dia, na presença do vice-presidente da Câmara José Leite Pereira da Costa Bernardes.

*Auto da vistoria.* Em 16-11-1874. Compareceram no Monte da Citânia, nos limites das freguesias de Briteiros e Donim: a Câmara sob a presidência do vice-presidente José Leite Pereira da Costa Bernardes, o escrivão da Câmara António José da Silva Basto, o official de diligências António Exposto,

os três louvados e o requerente Francisco Martins Sarmento.

De harmonia com a petição de Martins Sarmento e designação dos terrenos que pretendia fossem medidos, ordenou o presidente da Câmara aos louvados que «em conformidade do juramento que tinham tomado procedessem à descrição, medição e confrontação dos terrenos baldios que lhes fossem mostrados, de modo que os seus limites não pudessem confundir-se com os limites dos predios circunvizinhos, e lhes arbitrassem o respectivo fôro fazendo para isso a necessária louvação».

Ao que os louvados procederam pela forma seguinte:

*Primeiro terreno.* Item uma porção de terreno do monte baldio da Citania na freguesia de Sam Salvador de Briteiros, o qual sendo medido começando pelo lado do Sul em um penedo em que foi feita uma cruz, e seguindo do Nascente para o Poente em linha recta até bater em outro penedo, no qual foi feita outra cruz, tem cento e quarenta metros; — continuando pelo lado do Poente, correndo do Sul para o Norte, em linha recta, tem vinte e tres metros; — continuando, fazendo volta, pelo mesmo lado e com inclinação para o Norte, sempre do lado de fóra do terreno em que existem os vestígios de antigos muros até bater em um penedo em que foi feita outra cruz, tem cento e sessenta metros; — continuando pelo lado do Nascente, e seguindo do Norte para o Sul até bater no penedo em que começou esta medição, tem cento e sessenta e oito metros, o que tudo corresponde a uma area de quatorze mil metros quadrados aproximadamente: confronta de todos os lados com terreno baldio, ficando ao Nascente deste terreno o segundo, que passa a medir-se e confrontar-se.

*Segundo terreno.* Item uma porção de terreno do monte baldio da Citania, na freguesia de Sam Salvador de Briteiros, o qual sendo medido começando pelo lado do Poente no mesmo penedo em que começou e findou a medição do primeiro terreno acima medido e seguindo do Sul para Norte até bater no penedo em que findou a terceira linha de medição

do primeiro terreno acima referido, tem cento e sessenta e oito metros, e confronta com o dito primeiro terreno; — continuando pelo mesmo lado do Poente seguindo para o Norte até bater em um penedo em que foi feita uma cruz, tem quatro centos e cinquenta metros; — continuando por cima e ao lado de muitos penedos que existem ao pé e em continuação d'aquelle, e seguindo para o Nascente até bater no caminho que vae de Sam Romão para Sobreposta, e que, segundo informações do povo, divide esta freguesia da de Sam Salvador de Donim, tem duzentos e setenta e dois metros; — continuando pelo lado do Nascente, do Norte para o Sul, em direcção ao cruzeiro de Sam Romão, passando por junto e ao lado esquerdo deste cruzeiro, e seguindo até bater no caminho chamado de Sam Romão, tem quatro centos cinquenta e cinco metros; e continuando pelo lado do Sul, de Nascente ao Poente, fazendo algumas voltas até tocar no penedo em que começou esta medição, tem duzentos e noventa metros: confronta no Poente, Norte e Sul com terrenos baldios desta freguesia, e do Nascente com terreno baldio abaixo medido, e pertencente á freguesia de Sam Salvador de Donim: a aria deste terreno é de cento e quarenta mil metros quadrados aproximadamente.

*Terceiro terreno.* Item uma porção de terreno do monte baldio da Citania, na freguesia da Sam Salvador de Donim, o qual sendo medido começando pelo lado do Poente no ponto em que findou a medição da linha de duzentos setenta e dois metros do segundo terreno, que é no caminho que vae de Sam Romão para Sobreposta, e seguindo do Norte para o Sul em direcção ao cruzeiro de Sam Romão passando por junto e ao lado esquerdo deste cruzeiro, até bater no caminho chamado de Sam Romão e confrontado com o segundo terreno acima medido, tem quatro centos cinquenta e cinco metros; — continuando pelo lado do Sul, de Poente a Nascente, tem dez metros, confronta com terreno de monte possuido pelo Reverendo Padre José Alves Rodrigues de Vasconcellos, da casa do Paço; continuando pelo Nascente, de Sul ao Norte até proximo de uns pene-

dos que estão em seguida a uma especie de garganta que forma o terreno, tem quatro centos e setenta metros, confronta com terreno baldio desta freguesia; e continuando pelo lado do Norte, de Nascente ao Poente, até bater no ponto em que começou esta medição, tem setenta e oito metros, confronta com terreno baldio desta mesma freguesia: a superficie deste terreno é de vinte mil e trezentos metros quadrados aproximadamente.

Disseram os louvados «que attendendo a que as referidas tres porções de terreno são de muito fraca qualidade, pois que quasi nada produzem, por causa da muita pedra que contem, as avaliavam no fôro annual de mil reis, sendo duzentos reis pelo primeiro terreno; quinhentos reis pelo segundo; e trezentos reis pelo terceiro. Declararam os mesmos louvados que dentro dos terrenos acima medidos e confrontados, ficam as *ruínas dos muros, muralhas e construcções chamadas da Citania, cujos vestigios ainda se distinguem*».

Neste acto compareceu o Reverendo José Maria Vieira de Carvalho Machado, pároco da freguesia de Donim, e disse que «requeria que a Illustríssima Camara fizesse declarar neste auto, que se o terceiro terreno retro medido fosse arrematado, seria levado em conta quando por ventura fosse feita a divisão do montado da dita freguesia, ao que a Câmara deferiu». Após o que foi dado o auto por concluso e assinado.

*Acórdão da Câmara.* Em 19-11-1874. Designando o dia 10 de Dezembro, pelas 10 horas da manhã, para a arrematação do foro arbitrado, no edificio dos Paços do Concelho, sendo afixados três editais respectivamente nas portas da Câmara, Igreja de Donim e de Briteiros.

*Condições da arrematação.* «Primeira—O arrematante renuncia a qualquer reclamação ou indemnização quando a utilidade publica exigir que os terrenos aforados sejam atravessados por qualquer estrada ou caminho; Segunda—O foro será pago por dia de S. Miguel, de Setembro de cada anno, sem desconto de contribuições, e entregue ao thesoureiro do concelho; Terceira—O arrematante pagará todas

as custas deste processo conforme a conta feita pelo contador da comarca».

*Auto de arrematação.* Em 10-12-1874. Foram os terrenos arrematados por Francisco Martins Sarmento pela quantia de cinco mil réis, que constituiu o maior lance. À arrematação esteve presente a Câmara, sob a presidência do Dr. Rodrigo de Meneses.

*Acórdão do Conselho de Distrito.* Em 19-3-1875. Pede informação à Câmara de Guimarães se no montado das duas freguesias há terreno maninho para logradouro comum dos povos. Assinam: Visconde de Margaride, N. Barata, Rebelo da Silva e Félix Gomes. A Câmara, em sessão de 8-4-1875, informou que nos montados em que estão situados os terrenos aforados há terrenos maninhos que poderão servir para logradouro comum dos povos, se a Câmara deliberar requerer, e o Governo resolver que esses mesmos terrenos sejam exceptuados da desamortização, em conformidade da lei de 28-8-1869, Decreto de 25-11-1869 e Portaria de 13-12-1872. Após o que, o Conselho de Distrito confirmou o aforamento em sessão de 16-4-1875.

*Alvará do Governo Civil de Braga.* Passado em 31 de Maio de 1875, e assinado pelo Visconde de Margaride, confirma a arrematação a favor de Martins Sarmento.

Na última página do processo encontra-se lançada a seguinte verba, da Conservatória de Guimarães, com data de 2-8-1877: «Inscrição n.º 1062 a f. 7 do L.º G/3. Descrições n.º 7511-7512 e 7513 desde f. 47 até 48 do L.º B/26».

A certidão do processo de aforamento, passada pela Câmara em 2-7-1875, a requerimento de Martins Sarmento, consta de 15 meias folhas de papel selado. Arquivada na Sociedade Martins Sarmento.

\*

Em 3 de Setembro de 1878, baixa novo requerimento à Câmara, assinado por Martins Sarmento, Serafim Antunes Rodrigues Guimarães, e mais 19 proprietários da freguesia do Salvador de Briteiros,

pedindo a divisão do monte baldio da Citânia entre eles, na proporção das terras que cada um possuísse.

A Câmara presidida pelo Dr. António Coelho da Mota Prego lançou, em 14 de Setembro, o seguinte despacho neste requerimento: «Informe a Junta de Parochia se o terreno a que os supplicantes alludem é ou não baldio».

A Junta informou em 15, dizendo que o terreno era baldio.

A Câmara lançou novo despacho em 21, para que a Junta informasse mais se os supplicantes constituíam a maioria dos moradores vizinhos do monte baldio a que se aludia.

A Junta informou assim: «não só formão a maioria, mas são a totalidade dos moradores vizinhos do monte baldio». 28-9-1878.

Nestes termos a Câmara despachou em 26-2-1879: «Que se instaure o competente processo. Designa-se para a vistoria e avaliação o dia 17 de Março de 1879. Passem-se os respectivos editais. (ass.) Motta Prego».

Nesta nova arrematação, que teve lugar em 9 de Julho de 1879, tocaram a Martins Sarmiento mais as três glebas seguintes:

- 1.<sup>a</sup>) Item um terreno onde existe um penedo a que chamam — *Cavalgar* — situado no monte baldio da Citania, da freguesia de Sam Salvador de Briteiros, o qual sendo medido tem pelo Norte 10 metros e confronta com o monte de Donim; pelo Nascente tem 11 metros e confronta com o dito monte; pelo Sul tem 7 metros e confronta com o terreno do quinhoeiro Domingos Gomes; e pelo Poente tem 13 metros e confronta com terreno do mesmo. Ficam pertencendo mais a este quinhoeiro 10 metros de terreno para todos os lados do dito penedo, o que tudo corresponde a 900 metros quadrados aproximadamente. Foi-lhe arbitrado o foro annual de 50 reis.

- 7.<sup>a</sup>) Item um terreno situado no monte baldio da Citania, da freguesia de Sam Salvador de Briteiros, o qual sendo medido pelo Norte tem 200 metros e confronta com terreno da quinhoeira Anna Luiza Marques; pelo Nascente tem 176 metros e confronta com o Monte de Donim; pelo Sul tem 210 metros e confronta com terreno do quinhoeiro Domingos José Marques; e pelo Poente tem 165 metros e confronta com o caminho publico. O que tudo corresponde a 34.952,5 metros quadrados, aproximadamente. Foi-lhe arbitrado o foro annual de 1\$300 reis.

(Arquivo da Câmara. Mostrador 3, número 2138/n e 2138/t, com referência ao Tombo n.º 33).

- 12.<sup>a</sup>) Item um terreno situado no monte baldio da Citania, da freguesia de Sam Salvador de Briteiros, o qual sendo medido tem pelo Norte 300 metros e confronta com terreno do quinhoeiro João Manuel da Silva Guimarães; pelo Nascente tem 10 metros e confronta com o Monte de Donim; pelo Sul tem 300 metros e confronta com terreno do quinhoeiro Felix Antonio de Sousa; e pelo Poente tem 10 metros e confronta com terreno de José Maria Antunes. O que tudo corresponde a 3.000 metros quadrados aproximadamente. Foi-lhe arbitrado o foro anual de 40 reis.

(Arquivo da Câmara. Idem, idem. Com a nota: «Foi arrematado em 31 de Maio de 1900, por Manuel Custodio Ferreira, da freguesia de S. Lourenço de Sande».)



DOC. III

**Pedido de Francisco Martins Sarmento à Câmara Municipal de Guimarães para poder fazer explorações archeológicas no Monte de Sabroso, baldio pertencente à mesma Câmara.**

---

A Câmara Municipal deste concelho de Guimarães

Faz saber que o Excellentíssimo Francisco Martins Sarmento, d'esta cidade, lhe representou que tendo feito na Citania algumas explorações archeológicas, que esta Câmara louvou (\*) considerando-as, com os entendidos, como bons materiaes para o

---

(\*) O louvor da Câmara é de 15-11-1876. Consta da respectiva Acta da Sessão Camarária, nos seguintes termos:

«Aos quinze dias do mez de Novembro de mil oitocentos setenta e seis, nesta cidade de Guimarães, nos paços do concelho, estando presentes os Senhores Presidente da Camara Municipal José Leite Pereira da Costa Bernardes, e vereadores, Jose Luis Ferreira, Francisco da Costa Sampaio e Castro, Augusto Mendes da Cunha, e Francisco Jose da Costa e Silva, ás dez horas da manhã foi aberta a sessão.....  
..... Pelo Snr. Presidente foi dito que a Camara já decerto sabia da devoção scientifica com que o Excellentíssimo Senhor Francisco Martins de Gouvea Moraes Sarmento se havia dedicado nestes ultimos tempos a profundas investigações archeológicas e principalmente empreendendo com assiduo trabalho e estudo, e a expensas suas, a exploração das antigas ruinas da Citania que a iniciativa e estudo deste illustado vimaranense tem merecido o aplauso assim dos homens da sciencia, como de todos os que se interessam pela descoberta e conservação dos monumentos de archeologia patria: e que por isso propunha que a Camara, como interprete dos sentimentos dos habitantes d'esta cidade, consigne na acta d'esta sessão um voto de respeito e louvor a tão prestante concidãdo pelos seus estudos e trabalhos. O que sendo ouvido

conhecimento da nossa historia antiga, e havendo no monte de Sabroso, parte do qual pertence a freguesia de Sam Lourenço de Sande e parte a de Sam Claudio do Barco, outras ruinas, talvez contemporaneas das da Citania, e que podem fornecer novos subsidios para o estudo das nossas antiguidades, pede a permissão de fazer naquelle local algumas excavações, ficando as construcções que se descobrirem propriedade municipal e do supplicante somente os objectos que precisem de ser guardados, taes como pedras ornamentadas, fragmentos de ceramica, de cobre, etc.: que, como tendo um não pequeno valor archeologico, podem considerar-se tambem alguns penedos, onde estão gravados desenhos archaicos, pede tambem que esta Camara prohiba que taes penedos sejam quebrados, consentindo que o supplicante os marque com uma cruz para que todos os possam distinguir: que no caso de serem favoravelmente attendidos estes pedidos, o supplicante lembra a necessidade de fazer constar nas freguesias já nomeadas a permissão das excavações e a prohibição da quebra

---

com a maior satisfação pela Camara, foi por esta unanimemente aprovada a sobredita proposta.

Meses antes havia Martins Sarmiento sido igualmente louvado, na seguinte portaria do Ministério dos Negócios do Reino publicada no «Diário do Governo» n.º 204, de 12-9-1876: «MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS DO REINO. Direcção Geral de Administração Política e Civil. 2.ª Repartição.

Tendo chegado ao conhecimento de Sua Magestade El-Rei, por participação do Vice-Inspector da Academia de Belas Artes de Lisboa, o Marquês de Sousa Holstein, que o cidadão Francisco Martins Sarmiento, residente em Guimarães, empreendera a exploração metódica e científica das ruínas da antiga Citânia, existentes nas vizinhanças daquela cidade, ocorrendo por sua conta, não só às despesas com as excavações, como também às outras necessárias para a remoção das antiguidades encontradas e para a possível restauração de alguns edificios descobertos: há por bem o mesmo Augusto Senhor encarregar o Governador Civil do Distrito de Braga de louvar o benemérito Cidadão supra citado pelo relevante serviço que tem prestado e está prestando ao estudos archeológicos, tão pouco generalizados no nosso país, e cuja importância é cada vez mais reconhecida pela ciência da História.

Paço, em 21 de Agosto de 1876. (ass.) António Rodrigues Sampaio».

dos penedos que se marcarem, bem como a pena respectiva ao damno que qualquer possa causar ás construcções que forem descobertas. E considerando a Camara que a pretensão do supplicante é muito justa e louvavel, deliberou em sessão de vinte e seis do corrente mez, deferir ao pedido.

E para todos os effeitos legaes se passa o presente. Guimarães, e secretaria da Camara Municipal, 27 de Setembro de 1877. E eu Antonio Jose da Silva Basto, Escrivão, o escrevi.

O Presidente da Camara,

(ass.) José Leite Pereira da Costa Bernardes.

Registado.

S.<sup>a</sup> Basto.

DOC. IV

**Título de aquisição do dólmen de Donai**

Pelo presente declaro eu Manuel Paulino Buiça e minha mulher Carolina Augusta Pires da freguesia de Donae comarca de Bragança que vendemos á Sociedade Martins Sarmento da cidade de Guimarães um dolmem e terreno em que assenta, sito em uma das extremidades do nosso lameiro da deveza proximo da povoação de Donae tendo o dito terreno nascente a poente desasete metros e de norte a sul quinze metros e a confrontação seguinte pelo norte, nascente e sul o mesmo lameiro, e pelo poente a sorte da deveza, de José Joaquim Pires, tudo pelo preço de trese mil e quinhentos reis que já recebemos; reservando para nós o direito de apacentar os nossos gados no referido terreno logo que esteja enrelvado, dando desde já a respectiva quitação. A este nosso contrato foram testemunhas presentes José Henriques Pinheiro Professor do lyceu de Bragança, Manuel Antonio Macias professor de instrucção primaria da Freguesia de Donae que assigna a rogo da vendedora por me dar licença e por não saber escrever.

Bragança, 28 de Junho de 1891.

O vendedor: Manuel Paulino Buiça  
José Henriques Pinheiro

A rogo: Manuel António Macias

Bragança 28 de Junho de 1891 e um

Reconheço as três assinaturas supra.

Bragança 30 de Junho de 1891.

In fide (*rubrica do tabelião*) veritatis

O tab. José Escandino de C.

30 de Junho de 1891

Em 30 de Junho de 1891, foi registado a favor da firma (*sic*) Martins Sarmento (sociedade) da cidade de Guimarães, o domínio pleno do predio n.º 9706, descripto no livro B-21 d'esta conservatoria.

Bragança, data supra. O Conservador

Lucio Bernardo d'Almeida

(Encontra-se apenso o documento de ter sido paga a contribuição de registo por título oneroso, na quantia de 1\$299 réis).

## DOC. V

### **Título de aquisição do dólmen de Pêra do Moço**

---

Nós abaixo assignados José Aureliano Borges Antunes de Mattos, advogado, e consorte D. Maria Leopoldina d'Almeida Furtado de Mendonça, proprietaria, José Bernardo Junior e consorte D. Maria Augusta da Paixão, proprietarios, José Nunes de Carvalho e consorte D. Julia da Natividade Mesquita de Carvalho, aquelle pharmaceutico e esta proprietaria, José Joaquim Rodrigues, commerciante e consorte D. Mariana Augusta Rodrigues, proprietaria, Manoel Lopes de Souza, solteiro, maior, Francisco Antonio Patricio, commerciante e consorte D. Thereza dos Anjos Ribas Patricio, Germano Augusto d'Oliveira e consorte D. Virginia Augusta Proença d'Oliveira, João Manoel Martins Manso e consorte D. Carolina de Vasconcellos Manso, Antonio Ferreira dos Santos e consorte D. Adelaide Augusta d'Oliveira Granja Ferreira, Antonio Marques da Cunha Mantas, viuvo, padre Jacyntho Ferreira da Cunha Leal, presbytero, moradores n'esta cidade, José da Fonseca Nunes, morador na Mizarella, Alexandre d'Andrade Pissarra Senior, morador em Alfazazes, ambos viuvos, todos estes proprietarios, e José Augusto da Matta e Silva, casado, empregado, morador n'esta Cidade, na qualidade de procurador do Doutor Ildefonso Marques Mano, viuvo, professor, actualmente morador em Aveiro, declaramos que vendemos de hoje para sempre á Sociedade Martins Sarmento Promotora da Instrucção Popular no Concelho de Guimarães, com sede na mesma cidade, um Dolmen em bom estado de conservação, com um metro de terreno em redor e a necessaria servidão da estrada até elle, que possui-

mos n'uma tapada senteeira, denominada a Anta, no limite de Pera do Moço, d'esta Comarca, pertencente a Rodrigo Pereira e mulher Sebastiana Maria, moradores em Guilhafonso, a qual tapada confronta do nascente com o ribeiro, poente com a estrada, norte com José Pires e sul com Diogo Pereira; dolmen e terreno que adquirimos por compra feita aos ditos Rodrigo Pereira e mulher por titulo particular de nove d'abril de mil oitocentos noventa e um. Que lhe fazemos esta venda pelo preço e quantia certa de vinte e dois mil e quinhentos reis, de que damos á compradora quitação, porque cada um de nós já recebeu d'ella a quota parte correspondente, em pagamento, em bom dinheiro. Que por tanto, d'esde (*sic*) já cedemos, trasferimos e trespassamos á compradora todo o dominio, direito, acção e posse que até agora tínhamos no dolmen, terreno e servidão vendidos, e nos obrigamos a fazer a venda boa, firme e de paz. E para validade d'este contracto, mandamos fazer este, sendo testemunhas presentes, Luiz José d'Almeida Saraiva, casado, e Eduardo d'Andrade Pissara, solteiro, ambos amanuenses da Camara Municipal d'este Concelho, que assignam comnosco vendedores, à excepção das vendedoras Maria Augusta da Paixão e Mariana Augusta Rodrigues, que não sabemos escrever, e por isso a nosso rogo assigna Augusto Pissarra Junior, solteiro, empregado do commercio e residente n'esta cidade, depois d'este lido.

Guarda, 4 de Maio de 1892.

José Aureliano Borges Antunes de Mattos  
 Maria Leopoldina Furtado de Mendonça  
 José Bernardo Junior  
 J.º Joaquim Rodrigues

A rogo de Maria Augusta da Paixão e de Mariana Augusta Rodrigues, assigna: — Augusto Pissarra Junior  
 José Nunes de Carvalho  
 Julia da Natividade Mesquita de Carvalho  
 João Manuel Martins Manso  
 Carolina Pinto de Lemos Manso

Antonio Ferreira dos Santos  
Adelaide Granja e Ferreira  
Antonio Marques da Cunha Mantas  
Alexandre de Andr.<sup>e</sup> Pissarra  
Jacintho Ferreira da Cunha Leal  
Franc.<sup>o</sup> Ant.<sup>o</sup> Patricio  
Thereza dos Anjos Ribas Patricio  
Germano Augusto d'Oliveira  
Virginia Augusta Proença d'Oliveira  
José da Fonseca Nunes

Como procurador do Ex.<sup>mo</sup> Señr Ildefonso Marques Mano:— José Augusto da Matta e Silva

Testemunhas:

Luiz José d'Almeida Saraiva  
Eduardo d'Andrade Pissarra

Reconheço as vinte e duas assignaturas retro e supra.

Guarda, 16 de Maio de 1892

Em test.<sup>o</sup> (*rubrica do tabelião*) de verd.<sup>e</sup>

O Tab. Antonio d'Andrade Soares

(Apensos estão os seguintes documentos: uma procuração do prof. do Liceu de Aveiro, Ildefonso Marques Mano, passada no notário de Aveiro, Antonio Augusto Duarte Silva; uma procuração da Direcção da Soc. M. S., à qual presidia então o Dr. Avelino da Silva Guimarães, passada a Eduardo Augusto Correia Telles, da cidade da Guarda, para a representar neste contrato; recibo da Rep. de Fazenda, em como foi paga a contribuição de registo por título oneroso, na quantia de 2\$270 rs., e documento do registo na Conservatoria).



## DOC. VI

### **Inscrição na Conservatória do Registo Predial, a favor da Soc. Martins Sarmento, de uma mamoa e mais quatro pequenos monumentos, situados em Briteiros.**

Conservatória do Registo Predial da Comarca de Guimarães. Inscrição folhas 35 do Livro G/11. N.º 6125. Em 30 de Agosto de 1892, a Direcção da Sociedade Martins Sarmento, promotora da Instrução popular no Concelho de Guimarães, com séde nesta cidade, apresentou os seguintes documentos, que ficam archivados no maço n.º 1 do corrente anno de 1892. Uma procuração da Sociedade passada a favor do seu procurador Gaspar Paul; uma declaração complementar e um escripto particular datado de 2 de Julho de 1892, com as assinaturas reconhecidas pelo tabelião do extinto Julgado de S. Thomé de Caldellas desta Comarca, Cesar Augusto de Freitas; um conhecimento de pagamento da contribuição de registo na Repartição de Fazenda deste Concelho, com o n.º 39, em 1-8-1892. Em face destes documentos inscrevo definitivamente em favor da Sociedade Martins Sarmento a transmissão do dominio util do predio n.º 24.005 descrito a folhas 191 v. do Livro B/68, situado ao lado norte da Bouça Nova, nas extremas das freguesias de S. Thomé de Caldellas e S. Claudio do Barco, confrontando de todos os lados com a mesma Bouça Nova, predio este onde se encontra um monumento archeologico denominado «Mamôa» tendo do lado poente mais quatro pequenos monumentos ou pedras semelhantes a marcos, o que tudo a dita Sociedade comprou pela quantia de quatro mil reis a Domingos Ferreira e mulher

Maria Joaquina Marques, proprietarios, do Lugar de Melre, da freguesia de S. Thomé de Caldellas desta comarca, debaixo das seguintes condições: Que a Sociedade ficava obrigada a colocar no centro da Mamôa um marco, e mais outros quatro, um em cada ponto cardinal e a distância de 8 metros do centro, não podendo nunca vedar a referida Mamôa; que os vendedores ficavam obrigados a dar caminho de carro e bois para a referida Mamôa e a conservar, no sítio em que actualmente se acham, aquellas quatro pedras ou monumentos, podendo a Sociedade retirá-las quando lhe convier; que a servidão referida será em linha recta desde o caminho publico até á Mamôa; e finalmente que os vendedores ficavam com direito de se aproveitar do mato que nascer sobre os monumentos, cortando-o á fouce, e de pastar ahi seus gados. O Ajudante de conservador privativo, Jeronimo de Castro.

(É o resumo da certidão passada em 7-5-1921, pelo Conservador Dr. Gonçalo Monteiro de Meira).

## DOC. VII

### **Inscrição na Conservatória do Registo Predial, a favor da Sociedade Martins Sarmento, de uma mamoa situada na Bouça da Agrela ou da Gândara, em Briteiros.**

Conservatória do Registo Predial da Comarca de Guimarães. Inscrição a folhas 2 do Livro G/12. N.º 6615. Em 2-4-1894, a Sociedade Martins Sarmento, promotora da Instrução popular, com sede nesta cidade, apresentou os seguintes documentos, que ficam arquivados no maço n.º 1 do corrente ano de 1894: Uma procuração da Sociedade passada a favor do seu procurador Gaspar Paul; uma declaração complementar e um escripto particular datado de 9 de Agosto de 1892, com as assignaturas reconhecidas pelo tabellião da Comarca de Braga, Manuel Antonio da Cruz; um conhecimento do pagamento da contribuição de registo na Repartição de Fazenda deste Concelho, com o n.º 6, em 14 de Novembro de 1892. Em face destes documentos inscrevo definitivamente em favor da dita Sociedade a transmissão do domínio util do predio constante de um terreno situado na freguesia de S. Salvador de Briteiros, dentro da Bouça da Agrela ou da Gandra, descrito com o n.º 25.039 a folhas 132 do Livro B/71, que é occupado por um monumento archeologico denominado Mamôa, com mais o diâmetro de quatro metros em volta desta, o qual confronta por todos os lados com a referida Bouça, e foi doado á dita Sociedade por Serafim Antunes Rodrigues Guimarães e esposa D. Rita Izabel de Freitas Fernandes, proprietarios, residentes na cidade de Braga. O Conservador privativo, Luís Augusto Vieira.

(É o resumo da certidão passada em 7-5-1921, pelo Conservador Dr. Gonçalo Monteiro de Meira).

DOC. VIII

**Títulos de aquisição do « Colosso de Pedralva »  
e de um terreno para a colocação do mesmo.**

---

**1.º documento**

Aos vinte dias do mês de Junho do anno de mil oito centos e noventa e dous em sesção da Junta de Parochia desta freguesia do Salvador de Pedralva do Concelho de Braga foi á mesma presente hum requerimento da Suciedade Martins Sarmento da Cidade de Guimaraens pedindo que esta Junta de Parochia lhe ceda a estatua de pedra antiga cita na cham de Ferrugal desta freguesia: a junta concidrando que com vêm conservar o referido monumento e que a Corpuração requerente oferece as milhores garantias por seus serviços prestados á archeologia nacional da sua conservação rezurbeu ceder, como por este titulo cede á suplicante oreferido monumento.

Salvador de Pedralva 20 de Junho de 1892 e dous.

(ass). Presidente Domingos Jose Fernandes  
Vogais: Antonio Joze Antúnes Picos  
Antonio Jose Antunes

Reconheço as tres assignaturas supra da junta de parochia em exercicio, da freguesia de Pedralva.

Braga, 6 de Julho de 1892 e dois.

Em test.º (*senal do notário*) de verd.º

O t.º int.º

Manoel Antonio da Cruz

## 2.º documento

Nós abaixo assignados Domingos Jose Alves de Araujo e mulher Anna Joaquina do logar do Loureiro da freguesia de Santa Maria de Sobreposta Comarca de Braga, vendemos assucidade Martins Sarmento da Cidade de Guimaraens pela quantia oito centos reis tres metros quadrados de terreno na nossa bouça de Ferreiros sita na freguesia do Salvador de Pedralva, Comarca da Povia de Lanhoso para colucação de huma estatua de pedra antiga a qual sera colocada emseguida e proxima a emtrada e careiro que dá serventia para a mesma bouça e pelo lado superior do caminho da mesma e de modo que não embarçe a condução dos carros de mato pelo mesmo e por termos recebido do Reverendo Manuel Duarte de Macedo Abbade desta freguesia e procurador da dita sucidade a referida quantia o qual emnome dadita sicidade aceitou esta venda com as condições que della constam e lhe transferimos o dominio e posse dos ditos três metros quadrados na melhor forma de direito. Foram testemunhas presentes Antonio Ferreira Machado Casado proprietario e Jose Antonio Antunes viuvo rezervatario ambos desta freguesia Santa Maria de Sobreposta 25 de Julho de 1892 e dous.

Domingos Joze Alves dAraujo  
 Anna Joaquina  
 P.º Manoel Duarte de Macedo  
 Antonio Ferreira Machado  
 Joze Antonio Antunes

Reconheço as cinco assignaturas supra, por serem dos proprios, do que dou fé. Braga, 4 de Agosto de 1892 e dous.

Em test.º (*sinal do notário*) de verd.º

O t.º int.º

Manoel Antonio da Cruz

À margem deste documento encontram-se as três seguintes notas a lápis, todas de letras diferentes:

*«Mandou-se indagar se na Com.ª da Povoá foi paga a contribuição de registo d'este contracto, em 7-5-98».*

(É letra do antigo escriturário da Sociedade, Simão Araújo, falecido em 1919).

*«Por decreto de 12 de Nov.º de 1875, pertence à Povoá de Lanhoso».* (Uma rubrica ilegível).

*«Pertence à Socied.ª Martins Sarm.».*

(Está junta uma procuração assinada pela Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, à qual então presidia o Dr. Avelino da Silva Guimarães, a favor do Abade de Sobreposta, P.ª Manuel Duarte de Macedo, para a aquisição da estátua e terreno onde se encontrava situada. Esta procuração foi feita no cartório do tabelião Gaspar Paúl, em Guimarães, em 7 de Junho de 1892).

## DOC. IX

### **Inscrição na Conservatória do Registo Predial, a favor da Soc. Martins Sarmiento, de um penedo com círculos concêntricos, situado em Briteiros.**

Conservatória do Registo predial da Comarca de Guimarães. Inscrição a folhas 195 do Livro G-11. N.º 6594. Em 16-3-1894, a Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, promotora da Instrução popular no Concelho de Guimarães, com sede nesta cidade, apresentou os seguintes documentos, que ficam arquivados no maço n.º 1 do corrente ano de 1894: uma procuração da Sociedade passada a favor do seu procurador Gaspar Paul; uma declaração complementar e um escrito particular datado de 12 de Junho de 1893, com as assignaturas reconhecidas pelo tabellião do extinto Julgado de S. Thomé de Caldeias desta Comarca, César Augusto de Freitas; um conhecimento de pagamento da contribuição de registo na Repartição de Fazenda deste Concelho, em 9-3-1894, com o n.º 149. Por estes documentos inscrevo definitivamente em favor da referida Sociedade a transmissão de um terreno, situado dentro da Bouça do Silvestre ou do Pinheiro, na freguesia de S. Salvador de Briteiros, que é occupado por um penedo com uns sinais ou círculos concentricos, descrito a folhas 123 do Livro B/71, e que lhe foi doado, com a servidão de pé para exame, inspecção e conservação do mesmo penedo, por Manuel Joaquim Marques, viuvo, proprietario, do Lugar do Caminho, da Freguesia de S. Claudio do Barco, desta Comarca. O conservador privativo, Luis Augusto Vieira.

(Resumo da certidão passada em 7-5-1921, pelo Conservador Dr. Gonçalo Monteiro de Meira).

DOC. X

**Título de aquisição do «Penedo de Cuba»,  
em Soalhães**

---

Nós abaixo assignados Henrique Cabral de Noronha e Menezes e mulher D. Anna Amelia Leite de Faria Cabral, moradores na nossa Casa da Bouça, freguezia de St<sup>a</sup> Christina de Nogueira, Concêlho de Louzada, doamos de hoje para sempre com transferencia immediata de dominio e posse á Sociedade Martins Sarmiento promotora d'instrucção popular no concêlho de Guimarães, o «penêdo de Cuba», que tem de comprimento dez metros, d'altura cinco e de largura sete e dez centimetros. Na parte inferior d'este penêdo está uma gruta em forma d'aboboda, que tem de largura seis metros e vinte centimetros, d'altura setenta centimetros e de profundidade (distancia da bôcca ao extremo opposto) cinco metros e vinte centimetros. O penêdo referido está na nossa bouça da Poça do Monte, a qual parte do norte com o Dr. Joaquim Maximo da Cunha, do poente com terras de nós doadores e d'Antonio Monteiro, do sul com o padre Antonio Alves e do nascente com este e Manoel Alves. Esta bouça está no sitio das Coriscadadas, freguezia de Soalhães, Concêlho do Marco de Canavezes. Doamos tambem a servidão de acesso ao mesmo penêdo, e só para transito a pé. O penêdo e a servidão que doamos os avaliamos em nove mil reis. Assim o declaramos e dispômos na presenca das testemunhas Antonio Gonçalves Videira e Francisco Victor Alves Pereira, ambos casados



e officiaes de diligencias n'este juizo de Louzada, que vão assignar.

Louzada, vinte e oito de março de 1894

(ass.) D. Anna Amelia Leite de Faria Cabral  
Henrique Cabral de Noronha e Menezes  
Antonio Gonçalves Videira  
Francisco Victor Alves Pereira

Reconheço por verdadeiras as quatro assignaturas supras feitas na minha presença.

Louzada 28 de Março de 1894

Em tt. (*signal do notário*) de verdade

Antonio Augusto de Souza Mag.<sup>s</sup>

Em 26 d'Abril de 1894, foi difinitivamente registado a favor da Sociedade Martins Sarmento, com sede em Guimarães, o penêdo da Cuba e respectiva servidão, descripto na Conservatoria da Comarca do Marco de Canavezes com o N.º 14.671.

O ajudante do conservador

Antonio Moreira de Barros

(Está apenso um conhecimento de ter sido paga a contribuição de registo por título gratuito, com data de 18 de Abril de 1894, na importancia de 1\$443 réis).

DOC. XI

**Título de aquisição do «Forno dos Mouros», situado  
no Monte da Saia, em Barcelos**

---

Pelo presente declaramos nós Semião Ferreira de Macedo de Faria Gajo e esposa Dona Clementina Simões, proprietários, moradores na Casa do Hospital, freguezia de Chorente, d'esta comarca de Barcelos, que doamos à «Sociedade Martins Sarmento, promotora da instrução popular no concelho de Guimarães», com cessão e trespasse de todo o dominio, direito, acção e posse que até agora tínhamos, os seguintes bens: 1.º—*O Fôrno dos Mouros*, com uma facha de terreno em volta, que se compõe d'uma edificação arruinada a norte e uma cova onde em tempo existiu um tanque, formando todo este terreno um trapesio, que mede de extensão pelo nascente quinze metros e sessenta centímetros, pelo poente igual medida, pelo nórte sete metros e noventa e cinco centímetros e pelo sul doze metros e setenta centímetros; é situado na vertente do poente do monte da Saia, freguezia das Carvalhas desta dita comarca e concelho de Barcelos, e confronta de todos os lados com terreno nosso. Doamos igualmente a servidão de transito a pé para o dito *Forno dos Mouros*, a partir do caminho da Matta de baixo. 2.º—*Uma lage com diferentes desenhos gravados e algumas fossettes (buraquinhas)*, a qual mede seis metros e meio de comprido por cinco metros e um decimetro de largo, com uma facha de terreno em volta d'ella com a largura de cinco decímetros: é situada no sitio chamado as Lages, no dito Monte da Saia, sobre a quinta da Portela e

junto ao caminho que vae para Chavão, e confronta de todos os lados com terreno nosso. Igualmente doamos a servidão de transito a pé para a dita lage, a partir do dito caminho de Chavão. Avaliamos os ditos prédios e servidões em oito mil reis, e não se acham descriptos na conservatória d'esta comarca. Declaramos porém, que, se a donataria Sociedade terminar ou por qualquer forma fôr extincta, ou ainda se deixar de cumprir os fins a que se destina, os bens doados reverterão logo para nós doadores ou nossos representantes, como permite a lei, sem sermos obrigados à indemnisação de bemfeitorias. E, presente o Reverendo Padre João Pereira Gomes Rosa, parcho da freguezia das Carvalhas, d'este concelho de Barcelos, na qualidade de procurador bastante da Sociedade donataria, disse que em nome d'esta accetava reconhecido esta doação nos termos expressados. Por verdade se fez este em duplicado que rogamos a José Joaquim da Costa, casado, escrevente, d'esta freguezia, nol-o escrevesse, o que fez, na presença das testemunhas José Alves de Faria, pharmaceutico, e Sebastião José Ribeiro, proprietario, ambos casados, d'esta mesma freguezia de Barcellinhos e concelho dito de Barcellos, que vão assignar comigo declarante marido, e procurador, assignando a rogo de minha mulher, por ella não saber escrever e lh'o pedir e rogar o escriptor d'este; depois de lido perante todos, que achamos nós e o procurador conforme. Barcellinhos, 14 de Junho de 1898 e oito.

Como escriptor e a rogo de D. Clementina Simões, por me pedir e rogar: José Joaquim da Costa.

Semeão Ferreira de Macedo Faria Gajo

O P.<sup>e</sup> João Pereira Gomes Rosa

José Alves de Faria

Sebastião José Ribeiro

Reconheço de verdadeiras as assignaturas supra feitas e dado o rogo em minha presença,

identificando igualmente suas identidades do que dou fé.

Barcellinhos, 14 de Junho de 1898 e oito

Em tt. (*rubrica do tabellião*) de Verdade

O tabellião

Antonio Justiniano da Silva

(Apenso a esta doação encontra-se um documento da Repartição de Fazenda de Barcelos, em como foi paga a contribuição de registo por título gratuito, em 4 de Outubro de 1898, na importância de 1\$260 rs.).